

DIÁRIO DE NOTÍCIAS

DOMINGO, 20 de Novembro de 1977
ANO 102.—N.º 33 630—Preço: 6\$00
INDEPENDENTE

Director interino:
SÍLVIO L. F. SILVA

Propriedade da Empresa do «Diário de Notícias», Lda. — Administração, Redacção e Oficinas: Rua da Alfândega, 8 — Telegramas «Notícias» — C. P. 421 — Telef: 20031/32 — Telex 72161 — FUNCHAL

21,35 horas. O «Boeing-727» da TAP (versão B-200, tipo de avião do qual a transportadora portuguesa possui dois exemplares) depois de sobrevoar por algum tempo o céu do Aeroporto de Santa Catarina, na noite de ontem bastante carregado — com bátegas de chuva quase constantes —, acabou por fazer-se à pista. Nessa altura o aeroporto estava aberto ao tráfego, apesar de pouco tempo antes ter estado encerrado.

E o quase insólito estava para acontecer no tempo de escassos segundos. Após uma aterragem normal (no que concerne ao facto de tocar a pista), o «Boeing», contudo, faria essa operação cerca de meia-pista — praticamente frente à aerogare — inferindo-se, embora se desconheçam as verdadeiras causas do terrível desastre, que o piloto tenha tentado na circunstância descolar de novo. Testemunhas oculares, da aterragem garantiram-nos não ouvir os ruídos específicos da chamada «inversão dos reactores», pelo que presume-se a tentativa dos comandos em fazer erguer o avião. Mas, tudo não passa de conjecturas possíveis... pois todos os contactados no local da reportagem, testemunhas e responsáveis, sob a pressão dramática do acontecimento consideram-no, às primeiras impressões, inexplicável e incompreensível.

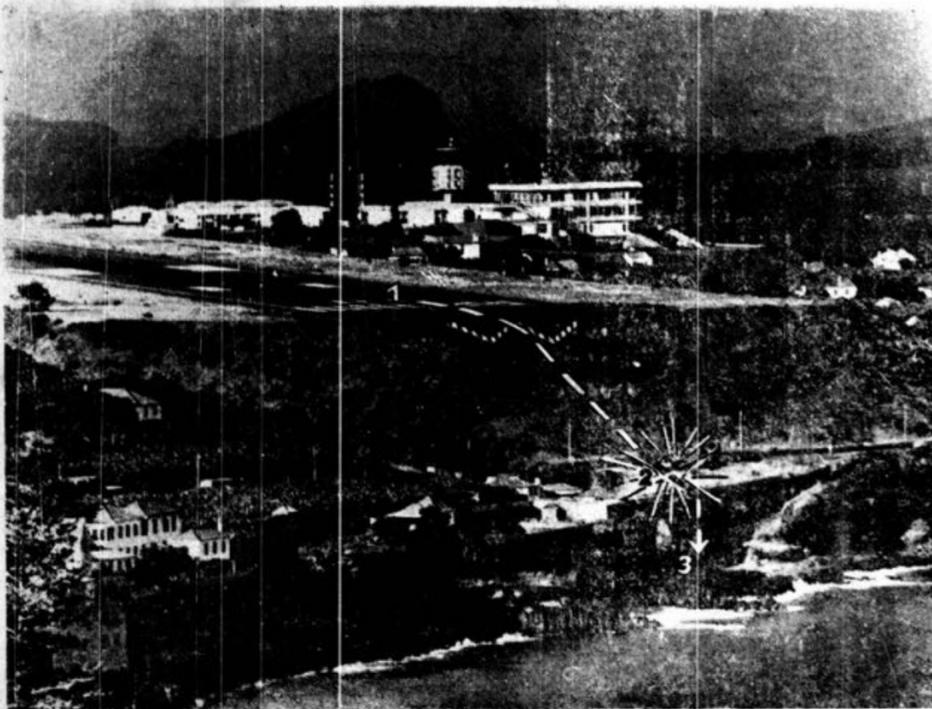
A tragédia consumara-se. O «Boeing» correu para o fatídico momento. O avião — que aterrou no sentido Leste-Oeste (Machico-Santa Cruz) — galgaria a última cabeceira da pista, sobrevoando o troço contíguo da EN 101, indo despeñar-se volvidos alguns metros, primeira, sobre o caminho municipal de Santa Cruz (que funciona como ponte sobre a ribeira do Moreno), abatendo-se, depois, sobre a zona do calhau. Ora, na altura em que toca no referido canhão-ponte a aeronave (numa estrondosa queda que alertou a numerosa população de Santa Cruz e arredores) partiu-se pela rectaguarda — parte que ali mesmo se fixou — indo o maior comprimento da carlinga repousar, num amontoado de destroços, so-

(Continua na 2.ª página)



A MADEIRA DE LUTO

Avião em Santa Catarina precipitou-se para a morte

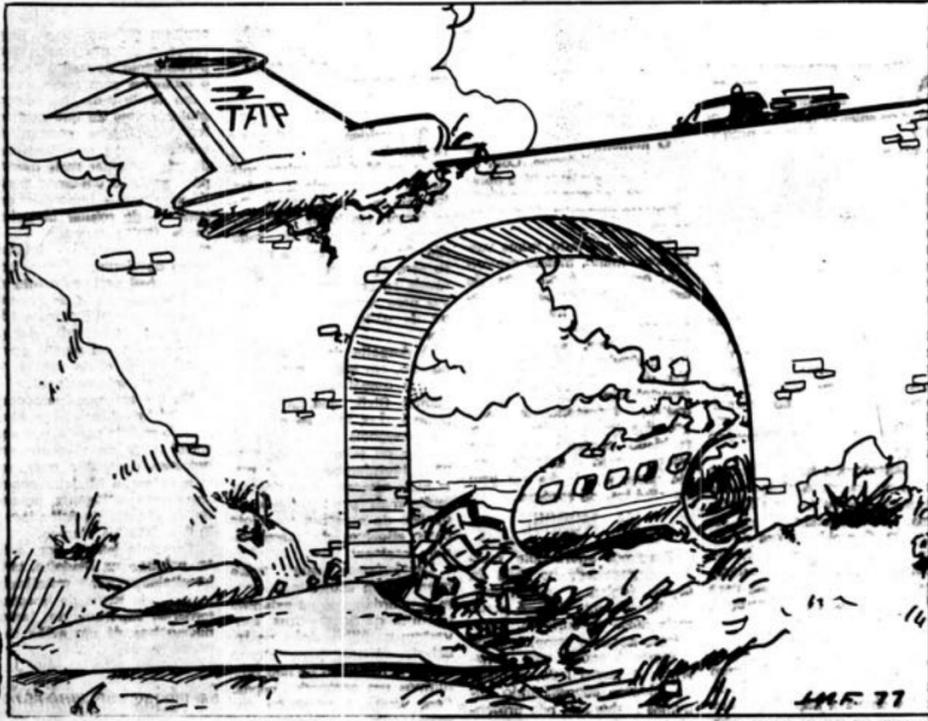


123 MORTOS 39 FERIDOS HOSPITALIZADOS

- PRESIDENTE DA REPÚBLICA E PRIMEIRO MINISTRO EXPRESSAM PROFUNDO PESAR
- COMISSÃO DE INQUÉRITO CHEGA HOJE À MADEIRA
- MADEIRENSES ENTRE AS VÍTIMAS DA TRAGÉDIA
- MORTOS RECOLHIDOS NA CAPELA DA MISERICÓRDIA EM SANTA CRUZ
- NEVOEIRO E CHUVA DIFICULTAM OPERAÇÕES DE SOCORRO
- AUTORIDADES REGIONAIS DESLOCARAM-SE AO LOCAL
- HOSPITAL DISTRITAL: LUTA INCANSÁVEL CONTRA A MORTE

Trajectória do aparelho sinistrado: 1 saída da pista, 2 — Ponto de impacto — e onde ficou a cauda do avião, 3 — Lugar onde ficou a parte central da fuselagem.

TRAGÉDIA NO AEROPORTO DE SANTA CATARINA



«Croquis da disposição dos destroços, vistos do fundo da Ribeira do Moreno, no sentido Norte-Sul.»

(Continuação da 1.ª página)

bre o calhau com a sua parte adiantada envolvida já pelas águas do mar. Ai encontraram a morte os comandos do avião e passageiros que viajavam no sector da frente. Terminava ali, às 21.35 horas, o voo TP425 Bruxelas-Funchal (com escala por Lisboa) que saíra da nossa capital às 19.55 horas. Com 156 pessoas a bordo (passageiros e tripulantes).

A tragédia consumara-se. O aeroporto de Santa Catarina — a necessitar de ampliação desde a sua construção (com projecto em curso a exigir aceleração dos trabalhos futuros — «casa roubada tranças à porta») — acabara de ser palco do maior desastre da aviação comercial portuguesa, o primeiro no já longo historial dos Transportes Aéreos Portugueses.

Fomos os primeiros repórteres, numa viagem de serviço que nos entristeceu (sob a chuva copiosa e o intenso nevoeiro), a atingir o local da tragédia. Um ambiente que, como poderão depreender os nossos leitores, é praticamente impossível transformar em palavras. Indescribível o drama que se vivia sob os ferros rugeiros, por entre as labaredas num incêndio sem fim sob uma nuvem de fumo contínua, tudo isto envolvido pela chuva copiosa e o intenso nevoeiro. Pudemos, então, fixar as imagens fotográficas que hoje se tornaram possíveis levar aos vossos olhos. Imagens de fogo (o avião não sofreu explosões repentinas; mas incendiara seus inúmeros litros de combustível), de matéria destruída (divisava-se de qualquer ângulo a carlinga esqueletizada), de angústia e morte. Descemos ao calhau. Os primeiros sobreviventes começam a ser transportados para o Funchal na ambulância dos Bombeiros de Santa Cruz e em alguns táxis e veículos particulares. Registe-se aqui que foi um condutor de táxi — de seu nome Agostinho Marques — a primeira pessoa a detectar um sobrevivente da tragédia. Este, por obra do destino, havia sido projectado a por incrível que pareça, surgiu na EN 101. O dito condutor, correspondendo à chamada aflição, transportou-o então para o Hospital Distrital.

Outro caso de registar pelo inesperado. Uma criança também projectada foi cair numa zona de bananal contígua ao calhau. Na escuridão da noite, o seu choro alertou os populares. Embora ferida, tudo leva a crer que fugiu à morte (se, por acaso, dela alguém poderá fugir!!).

Logo após a tragédia será de reanclar o auxílio imediato do pessoal em serviço no Aeroporto, e estamos recordando, como exemplo, da actividade desenvolvida por um «check-in» que na sua voz presa pela comóção nos dizia ter já auxiliado na saída da parte traseira do avião — a tal parte que ficou sobre o Caminho Municipal — de cinco sobreviventes. Interrogado sobre a maneira como ocorreu a tragédia só nos respondeu, na sua voz intercedida pelos soluços: «Eu não sei como isto foi possível e ninguém sabe. Uma tragédia, senhor. Aconteceu e pronto, que vamos fazer?».

Neste aspecto dos sobreviventes, certificamos-nos que a sua maioria se localizou nos sítios pró-

ximos do arco da ponte, pois depreendemos que ao fracturar-se a aeronave muitos dos passageiros foram logo projectados e, embora apresentando também queimaduras (muitas delas de extensão grau), tornou-se-lhes possível um relativo afastamento da carlinga maior, essa sim, pasta de chamas. Como curiosidade, nesta parte traseira se encontravam no momento a hospedeira e o comissário de bordo sobreviventes.

Cenas dançantes se seguiram por entre a escuridão da noite. Sob uma chuva torrencial os gritos lancinantes ecoavam num apelo de dor que as palavras não conseguem exprimir com fidelidade. Em Santa Cruz, no Funchal, em toda a ilha, afinal, a população madeirense fora alertada pelos órgãos de comunicação social nomeadamente a RDP e RTP que rapidamente lançaram no éter a notícia da tragédia que acabava de enlutar o País e a Madeira. Os alarmes logo foram para o ar. As sirenes cavas dos Bombeiros funchalenses (a quem os serviços de incêndio do Aeroporto e Santa Cruz prontamente acorreram ao local) chamaram o seu potencial humano. Mobilizaram-se de imediato forças do Exército, polícias, todos os quadros clínicos do Hospital Distrital e fornecedores de medicamentos. Cerca das 23 horas uma corveta da Marinha de Guerra e um rebocador da JAPAM, chegaram às águas de Santa Cruz, pois o corpo adiantado do avião nelas estava submerso e mesmo alguns corpos foram, na circunstância, retirados com o auxílio de barcos pneumáticos. E estamos-nos recordando do corpo de um jovem, lírio (parecia ter morrido por afogamento), trazido para junto da extensa fila de cadáveres desenhada na praia, colocada por força da profusão aos nossos olhos... espedaçados no quadro macabro.

Chegaram os carros-bomba e ambulâncias de Municipais e Voluntários funchalenses. Situarão-se os intensos focos de luz. O combate às chamas, embora ardido na sua eficiência, foi anulando-as gradualmente. Já em cima, na EN 101, a azáfama das forças de segurança e dos bombeiros. Numerosos populares preenchiam os locais sobranceiros, os comentários sucediam-se, as versões inventavam-se e reinventavam-se. Muitos veículos particulares acorreram a Santa Cruz e, apesar dos apelos feitos, chegaram mesmo a prejudicar as operações. Já em cima. Porque lá em baixo — qual campo de batalha em dia de massacrante derrota — actuavam apenas equipas de bombeiros e forças do Exército. Os acessos eram difíceis na noite e os populares não foram autorizados a participar. Estivemos lá. Remover corpos de bojo destruído era a ordem de acção. No ar se respirava o cheiro da carne calcinada. Rostos disformes, amputações impressionantes, irreconhecíveis mortos que foram vida. Apreendemos algumas expressões «terrorizadas», antecedendo últimos suspiros. Uma senhora idosa de cabeça erguida e olhos abertos num apelo de salvação. Um casal jovem entreabracado com seus dedos contraídos nas roupas. Um homem agarrado com toda a sua derradeira energia a uma máquina fotográfica.

Cerca das 23.10 h. visitavam o local o coronel Lino Miguel, ministro da República, e alguns membros do Governo Regional. Consternados acompa-

nharam determinados passos das operações e comentaram este lance trágico como uma infeliz manchada na afluência turística à Região. Os destroços jaziam ali às mãos dos empoladores e especuladores futuros. Um trágico lance para campanhas que poderão afectar a Madeira.

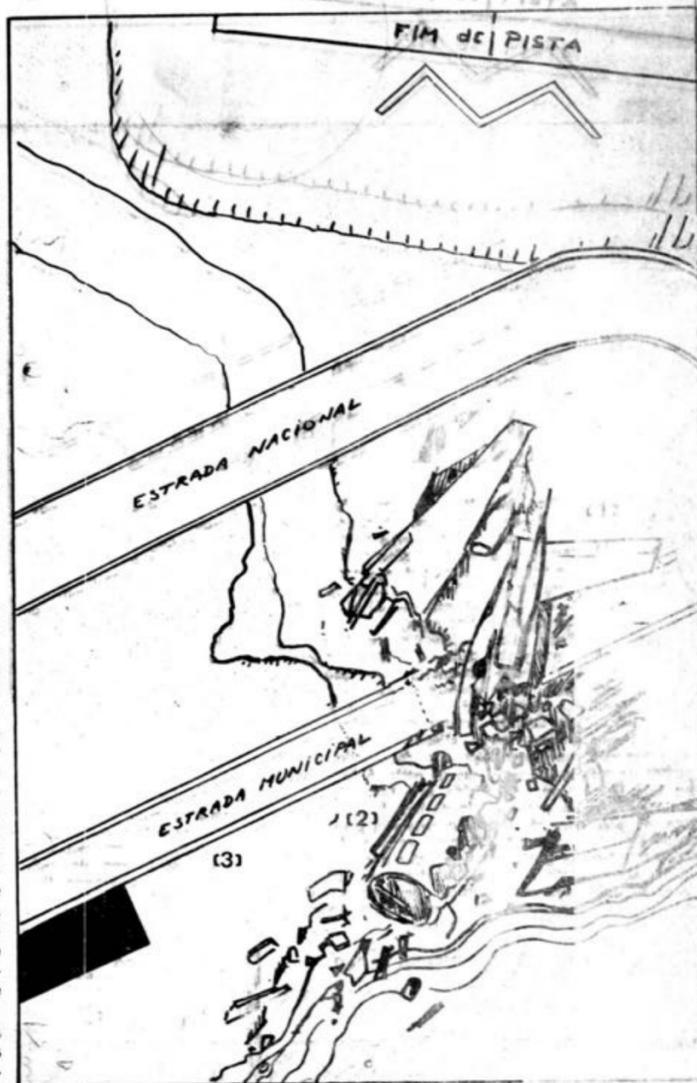
Uma equipa médica de primeiros socorros esteve em acção junto da aeronave destruída. Já pouco puderam adiantar. Sucediám-se mais as vidas perdidas que as vidas por salvar. Contudo, foi amplamente meritória a sua tarefa.

Antes do regresso, encontramos-nos à chuva com Ricardo Jorge Borges Gonçalves, que no aeroporto aguardava a chegada de um tio (do qual não sabia ainda o destino) e assistiu à aterragem do «Boeing-727». Contou-nos:

— Foi uma aterragem normal. Já em Santa Cruz sobrevoou durante algum tempo o aeroporto. Parece que aguardava ordem para descer na pista, já que esta havia sido interdita, em consequência do nevoeiro que pairava. Depois, provavelmente autorizada o avião fez-se à pista. Entrei nela já aqui frente à aerogare. Deu-me a entender que iria travar, mas não. Prosseguiu a sua marcha com uma relativa velocidade. Receei então o pior. Ouvi por fim um estrondo e de imediato um clarão. Na li mais posso descrever para além de todo este aspecto terrível que estamos vivendo.

A tragédia consumara-se. Sobre a praia, na escuridão e tripartida a carena do «Boeing», fracturada entre o caminho-ponte sobre a ribeira do Moreno e as águas do oceano revoltas, espiavam-se malas, utensílios diversos, botões, fêrris torcidos e chapa queimada. Frígidas as carnes humanas colaram-se à matéria embrutecida. O sangue se misturou com os óleos sobre as pedras.

Sepultava-se, entando o País num trágico golpe de infelicidade dos homens (quem sabe?), o «Socadura Cambal» — recordação de um herói nacional que também encontrou a morte nas águas da Mancha. Os homens mais uma vez eram vítimas da sua inteligência e técnica. A vida, essa vai prosseguir até ao fim dos séculos. — R. A.



Vista aérea, dando aproximativa da posição dos destroços: 1 — Cauda (sobre a ponte), reactor lateral direito e asa do mesmo lado do aparelho. 2 — Parte central da fuselagem. 3 — Lugar onde foram encontrados os primeiros socorros a muitos dos sinistrados e onde permaneceram muitos cadáveres, antes de terem sido trasladados para a capela da Misericórdia em Santa Cruz.

ODÓRIO HOMEN DE GOUVEIA

— «DN» também de luto

Entre as vítimas da tragédia em Santa Catarina parece, infelizmente, incluir-se o sócio da Empresa do Diário de Notícias, Lda, Odório Homen de Gouveia.

A tragédia que entitou os madeirenses toca-nos, assim, directamente e é, para nós, motivo de mais profunda tristeza.

Acompanhamos, pois, neste doloroso transcurso, familiares de Odório Homen de Gouveia, um homem íntegro que disfrutava da estima e do apreço dos trabalhadores deste diário.

O «Diário de Notícias» também está de luto.

COMISSÃO DE INQUÉRITO

chega esta manhã

LISBOA, 20. — A sete horas de hoje, sai de Lisboa um avião que conduz uma Comissão de Inquérito, constituída por elementos da TAP e da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, e que se deslocará ao Funchal para estudar em locais as causas do acidente ocorrido com o avião da TAP. — (C.)

INFORMAÇÃO COBERTA / DOBRAS

COMEÇOU ONTEM O CONGRESSO DA FEDERAÇÃO DO FUNCHAL DO PS

Num dos salões do Casino Park Hotel começou ontem o I Congresso Regional da Federação do Funchal do Partido Socialista, que decorreu com a maior intensidade partidária.

Após a entrega de credenciais, foi eleita a Mesa do Congresso por unanimidade.

Presidiu aos trabalhos, o deputado João da Conceição secretariado pelos militantes Avelino Ferreira e Filipe Moita.

Após a abertura do Congresso, o Presidente da Mesa convidou para assento na mesma, o eng. Ferreira de Lima, Secretário de Estado da Administração Regional e local; José Jorge Góis Mendonça, Presidente da Câmara Municipal de Porto Santo, e o dr. Jorge Campinos, Ministro Sem Pasta, que chegou pouco depois do congresso ter começado.

O dr. Marcelo Curto, membro do Secretariado Nacional do PS, devido ao atraso da viagem aérea, chegou quase no fim da primeira parte dos trabalhos, iniciada na parte da manhã.

No uso da palavra, interveio em primeiro lugar Eugénio Gomes, membro do Executivo cessante para fazer um relatório das actividades do partido, desde o ano passado. Destacou ainda o trabalho feito no Porto Santo culminado com a eleição do presidente para a Câmara Municipal daquela ilha.

No fim dirigiu algumas palavras de aplauso para a Juventude Socialista ali representada por alguns jovens, que nem sempre tem sido compreendida.

O presidente da Câmara Municipal de Porto Santo usou da palavra seguidamente, destacando algumas actividades feitas naquela ilha.

A SOCIEDADE MAIS JUSTA NÃO É UMA UTOPIA

Falou, depois, Monteiro de Aguiar, deputado à Assembleia da República, para fazer várias considerações sobre a Constituição da República e sobre a Autonomia ali consagrada. Criticou depois as insinuações que se fazem contra os órgãos de soberania regional e os que dizem que é inútil a presença dos partidos na Sociedade,

acrescentando que é fácil confundir as responsabilidades para esconder a falta de competência. Continuando o seu discurso, Monteiro de Aguiar disse ainda que é muito difícil a aprendizagem da democracia para aqueles que bebem na cisterna do anterior regime, tudo aquilo que não sabem.

Terminou destacando várias iniciativas legislativas produzidas na Assembleia da República e o apoio dado pelo Governo Central para o desenvolvimento e bem estar do povo português. No fim disse que a sociedade, mais justa e igual não é uma utopia.

O DESAFIO ESTA FEITO. VE, REMOS SE A OPOSIÇÃO TEM CORAGEM DE ASSUMIR AS SUAS RESPONSABILIDADES

A encerrar a primeira parte do I Congresso Regional da Federa-

ção do Funchal do Partido Socialista, preferiu um importante discurso, o eng. Ferreira de Lima, Secretário de Estado da Administração Regional e Local e dirigente nacional do PS.

Depois de saudar os congressistas presentes e dizer que se sentia como em casa, desta vez o papel difícil dos socialistas na Madeira e acrescentou que este Congresso se realizava num momento político muito especial que o País atravessa. Após referir o documento apresentado pelo Primeiro Ministro na Assembleia da República aos Partidos da Oposição, destacou vários aspectos económicos e sociais do País.

Continuando o seu discurso, disse que o Governo de responsabilidade do Partido Socialista estará no Governo enquanto o povo o quiser e enquanto houver a confiança da Assembleia da República e concretizou: ou são dadas condições mínimas para o Governo poder governar ou passaremos à oposição. O desafio está feito. Vamos se a oposição tem a cora-

gem de assumir as suas responsabilidades.

ACABAR COM A COLONIZAÇÃO DAS REGIÕES AUTÓNOMAS

Ferreira de Lima, continuando as suas palavras, disse que o Partido Socialista sempre compeira a colonização das Regiões Autónomas feita pelo anterior regime e que embora pretendendo conceder-lhe a mais ampla autonomia, dentro do quadro constitucional e o Governo estava apreensivo pela incapacidade manifesta dos Governos Regionais em resolverem os problemas locais e perguntou se os madeirenses já obtiveram resultados palpáveis da acção governativa regional.

NEM O GOVERNO NEM O PARTIDO ABDICARÃO DAS SUAS RESPONSABILIDADES

Depois de criticar a não reorientação do Governo Regional no prazo anunciado, acrescentou que as pessoas perderam a confiança no mesmo e referindo-se ao dr. Sá Carneiro, ex-presidente do PSD/PSD, disse: — «Rejeitaremos as Kaulas de Arraiga tanto da direita como da esquerda». Finalmente destacou que os Governos das Regiões Autónomas

tem todo o apoio do Governo Central mas que devem organizar-se melhor e ser mais competentes, pois era esse o desejo de todos os socialistas. No fim disse que nem o Governo nem o Partido Socialista abdicarão das suas responsabilidades em relação às Regiões Autónomas.

2.ª PARTE DOS TRABALHOS

Pelas 15 horas e na sede da Federação do PS, continuaram os trabalhos do congresso com reunião de várias comissões ligadas aos Núcleos, Secções e Federações; Trabalho e Sindicalismo; Actividades locais; Informação, Acção Cultural e Esportes e Política Social e Económica Regional, para apreciação das várias moções apresentadas.

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Hoje, o I Congresso Regional da Federação do Funchal do Partido Socialista continua no Casino Park Hotel, com a leitura, discussão e aprovação das moções vindas das comissões. À tarde, será eleita a Comissão da Federação e a Comissão de Conflicto.

A sessão de encerramento começará às 17 horas.

NO CONTINENTE JORNAIS DIÁRIOS AUMENTAM PARA 7\$50

LISBOA, 19 — Foi finalmente autorizado em Conselho de Ministros o aumento de preço dos jornais diários para 7\$50, embora só com efeitos a partir da data da publicação no «Diário da República» de um despacho conjunto do ministro das Finanças e do secretário de Estado da Comunicação Social.

Prevê-se que Medina Carreira assinou o despacho num destes próximos dias, e que seja ainda de Roque Lino a assinatura como S. E. C. S., já que o documento em questão terá sido um dos seus últimos actos antes do pedido de demissão.

Este novo preço, negociado já de algum tempo, a esta parte, é devido ao agravamento de custos que ultimamente se tem feito sentir, sem que qualquer apoio generalizado à imprensa veja a luz do dia, tal como repetidamente tem sido prometido pelo Governo.

— vide o célebre discurso de Fevereiro de Manuel Alegre — Bem pelo contrário, o que a imprensa tem sofrido, é aumentos de custos quer da parte de fornecedores quer da parte do próprio Estado ou de entidades públicas o último dos quais foi a decisão unilateral da CP em revo- gar os acordos existentes no sentido de transportar gratuitamente os jornais e o retorno das sobras a troco de publicidade. Esta medida, a pôr em prática a

partir de 1 de Janeiro próximo, foi imediatamente repudiada e considerada como um atentado à liberdade de imprensa, pelas Associações de Imprensa Diária e Não Diária junto da CP, tentando agora, as mesmas entidades, obter uma entrevista com o primeiro-ministro, no sentido de lhes expor a situação geral de crise no sector e aquela decisão da CP em particular. Soubemos, entretanto, que já está pronta uma proposta de lei do Governo a submeter à Assembleia da República sobre a concessão à imprensa política de um subsídio de 20% sobre o preço do custo de papel de jornal. Este subsídio já fora concedido por decreto, mas este foi considerado ferido de inconstitucionalidade orgânica pelo Conselho da Revolução; julgou-se ainda que igual decisão irá cair sobre o decreto do esporte pago (em vigor há cerca de um ano) que está em apreciação no mesmo órgão de soberania.



No decorrer do Congresso da Federação Distrital do PS.

nacional

PROMOÇÕES NA ARMADA GERAM MAL-ESTAR

LISBOA, 19 — O parecer emitido pelo Conselho de Promoções da Armada (seito o ano passado) recomendando a promoção ao posto de capitão de mar-e-guerra de quatro capitães de fragata, passando por cima de mais de duas dezenas de oficiais mais antigos, poderá levar estes últimos a requererem a passagem à reserva como forma de protesto — segundo afirmou ao «Expresso» fonte bem informada.

Deverão assim, ser promovidos ao posto imediato os capitães de fragata Sousa Campos, comandante do corpo de fuzileiros, Alves Sarmeto antigo elemento da casa militar de Spínola — actualmente no EJA a frequentar um curso da NATO — Almeida e Costa, conselheiro da Revolução, e o comandante Consolado, responsável pelo departamento de pessoal da Armada.

Na sequência desses protestos os oficiais que se sentem lesados têm manifestado a determinação — embora ainda não o tenham feito oficialmente — de pedir a passagem à reserva, caso o Conselho de Promoções persista em manter a proposta em questão.

AFONSO & FABRÍCIO RODRIGUES, LDA.

CONJUNTO HABITACIONAL EM CONSTRUÇÃO À RUA SIDÓNIO PAIS E RUA DA PENA FUNCHAL

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES:

À RUA DO BOM JESUS, 14-1.º esq.
Das 9 às 12 horas e das 15 às 18 horas
Telef. 32336

ORIGINAL COM DESFOCAGEM

TINTA REPASSADA
Bleed Through

A2
B3
A3
B4
A4
B5
A5
A4
B4
A3
B3

APÓS O TERMO DE «GABRIELA» Série francesa substitui telenovela brasileira

Com a morte do coronel Ramiro, o julgamento do compadre Jesuino e a subida ao poder do dr. Mundinho, a telenovela adaptada da célebre obra de Jorge Amado, «Gabriela, Cravo e Canela», atingiu o seu termo nos «ecrãs» da RTP em Lisboa. Todo o País televisivo lamenta que o fim do popular folhetim tenha chegado quando menos se esperava e há mesmo quem proteste, porque foram anunciados 160 capítulos e, afinal, a Televisão projectou apenas 130. No entanto, parece que não existe margem para dúvidas quanto ao número de episódios: a TV Globo confirmou, a pedido da RTP, que a estação portuguesa exibiu «Gabriela» na sua totalidade, pôdo assim ponto final na questão. A partir de segunda-feira, e em substituição da telenovela brasileira, os telespectadores poderão assistir ao primeiro episódio da série francesa «Caminhos Difíceis».

Entretanto, hoje e amanhã, o período deixado em aberto pela telenovela será preenchido por dois programas especiais de «Tropicália», que incluem reportagens e entrevistas de aspectos curiosos relacionados com a preparação e a rodagem de «Gabriela» e ainda apontamentos sobre o seu evidente êxito.

No programa previsto para logo à noite, o realizador de «Tropicália» entrevistará, nomeadamente, Jorge Amado, os responsáveis da TV Globo, director, intérpretes e técnicos de «Gabriela», além de revelar histórias ainda desconhecidas do público, ocorridas durante a rodagem da fita.

A edição de amanhã inclui, por seu turno, apontamentos nos quais se recorda o êxito popular que constituiu «Gabriela» e entrevistas com os responsáveis por este sucesso que teve um fim no seu epílogo.

«Notícias e boatos»
A propósito de notícias e boatos postos a circular e ainda de informações veiculadas por alguns jornais da tarde, segundo as quais teriam sido cortados 30 episódios ao programa «Gabriela» a RTP veio ontem, à noite, esclarecer o público através de um comunicado, que aquela afirmação é totalmente falsa.

«A verdade é que — diz o comunicado — já desde Novembro de 1976, altura em que foi assinado, com a TV Globo, o contrato para a exibição de «Gabriela» em Portugal, se previu a apresentação desta obra de Jorge Amado na sua totalidade, portanto, sem quaisquer adaptações, modificações ou cortes».

Para reforçar o seu comunicado, a RTP sublinhou, ontem, à tarde, via telex, à TV Globo, a confirmação do número de episódios de «Gabriela». Na resposta, que milhões de telespectadores tiveram oportunidade de ler através dos pequenos ecrãs, a estação brasileira confirma que a RTP exibiu «Gabriela» na sua totalidade, isto é, 130 capítulos, exactamente como foi produzida pela rede Globo e transmitida no Brasil.

No entanto, o «Diário de Lisboa», na sua edição de ontem, dizia que «segundo informação colhida directamente no Brasil, a já célebre telenovela tem mais 30 episódios dos que a TV portuguesa transmitiu». Sobre este aspecto, a RTP esclareceu que, embora no Brasil o número de episódios exibidos fosse 160, a Televisão portuguesa só recebeu 130, devido a uma condenação do folhetim, de que se encarregou a própria TV Globo, sem adular o espírito e a acção da fita e respeitando o seu conteúdo.

Nova série
Para substituir «Gabriela», a RTP começa a apresentar, na próxima segunda-feira, pelas 20 e 35, a série francesa «Caminhos Difíceis».

Produzida por Office Central du Cinéma e Télévision, esta série de 13 episódios mostra no início da história, uma operação de resistência francesa, em 1944, durante a qual quatro amigos tentam bombardear uma ponte e abater um general do exército alemão.

Nos capítulos seguintes anuncia-se o aparecimento de um francês que agarda há dois anos licença para construir uma cidade. Face à recusa de um dos quatro amigos, Pierre Fargeau, o projectista, aborda um indivíduo que lhe garante a concessão da licença, mas pede-lhe em contrapartida, o exclusivo da venda de apartamentos na projectada cidade.

Entretanto, Sofia, filha de Fargeau, foge de casa e refugia-se na residência de um amigo do pai para reflectir sobre o vazio da sua vida.

Esta série conta com conhecidos autores das telenovelas francesas, como André Vialuy (Pierre Fargeau), Paul Le Person (o juiz), Brigitte Levasseur (Sophie) e Jacques Dynam (Fontany).

PUBLICIDADE
TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE PONTA DO SOL

2.ª SECÇÃO DE PROCESSOS
PARA ARREMAÇÃO
ANUNCIO

FAZ SABER que no próximo dia **SEIS DE DEZEMBRO**, pelas **DOIS HORAS**, no Tribunal Judicial desta comarca, nos autos do Acção de Divisão de Coisa Comum que a Autora Maria Almeida de Amorim Pinto Serra de Almeida Meira e Sousa Vieira da Luz ou Maria Alice Vieira da Luz, viúva, comerciante, residente no Hotel Santa Maria, da cidade e comarca do Funchal, move contra o réu Manuel Cláudio Vieira da Luz Gonçalves, casado, comerciante, residente no sítio da Vila, da freguesia da Ribeira Brava, desta comarca, será posto em praça, pela primeira vez, para a arrematação ao maior lance oferecido, acima do valor indicado, dos seguintes:

IMOVEIS
— N.º 1 —

Prédio colonizado por diversos no sítio do Pê do Lazado ou Meia Legua, freguesia da Ribeira Brava, a confinar a Norte com a Ribeira, Sul com Manuel José Balbino e Outros, Leste com José Abreu Caneca e Oeste com a Estrada Distrital, Tem cerca de 9.500m². Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.262. Vai à praça pelo valor de **SESSENTA E OITO MIL SEISCENTOS E QUARENTA ESCUDOS**.

— N.º 2 —

Prédio rústico no mesmo sítio e freguesia, igualmente colonizado por diversos, a confinar a Norte com o Ribeiro da Camacha, Sul com outro Ribeiro, Leste com a Estrada Distrital e Oeste com a Beira da Rocha. Tem cerca de 1.000m². Está inscrito na matriz predial sob o art.º 2.317. Vai à praça pelo valor de **VINTE E QUATRO MIL SEISCENTOS E OITENTA ESCUDOS**.

Ponta do Sol, 7 de Novembro de 1977.
O Juiz de Direito,
Miguel Frederico Maciel IPTA Vasconcelos
O escrivão de direito,
Miguel Frederico Maciel Pita



TELEF. 26104-26105
caryres **MÓVEIS-DECORAÇÕES**
RUA DR. FERNAO ORNELAS 56-A 56-B

apresenta a nova linha de mobiliário modulado
LUPAL

ADÁGIO AFRODITE
SANDOKAN MINERVA

mobiliário para quarto
feito de madeira exótica
mobiliário para gente nova
móvel por elementos de concepção inteligente

A maior exposição de mobiliário na Madeira
Visite o 1.º andar

A.N.T.R.A.L.
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS TRANSPORTADORES RODOVIÁRIOS EM AUTOMÓVEIS LIGEIROS
(Delegação Autónoma da Madeira)

Convocam-se todos os Sócios Industriais de Transportes em Automóveis Ligeiros, Táxis e Leira A, para uma Assembleia Geral, a realizar-se no ATENEU COMERCIAL, Rua dos Netos, 42-48 no próximo dia 22 de Novembro, pelas 19 horas, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1.ª Análise à situação do Sector (aumentar de Tarifas reestruturação de praças, regulamentos e telefonias);
- 2.ª Análise de uma proposta a apresentar pela Direcção;
- 3.ª Análise à saída excessiva de licenças para o Arquipélago;
- 4.ª Outros assuntos de interesse para o Sector.

Nesta Assembleia vão debater-se assuntos de grande interesse para o futuro do Sector. No teu próprio interesse não faltar. O sócio, dentro do possível deverá apresentar qualquer documento que o identifique.

O Presidente da Assembleia Geral
JOSE FERNANDO DE FRUTAS
NOTA: — Por lapso no passado Domingo esta convocação saiu com a data de 23 de Novembro, quando deveria ter saído 22/11/1977.

Produções Radiofónicas ALFER
Posto Emissor de Radiodifusão do Funchal

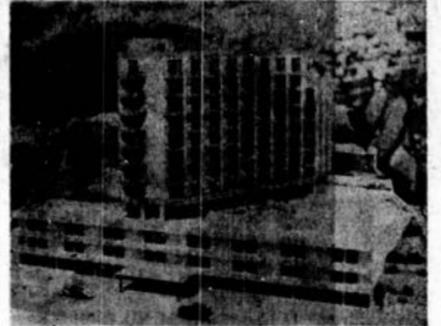
Anunciam para 2.ª vez o dia 21 o início da transmissão de dois espaços radiofónicos:
«A BICA» — de segunda a sábado no horário das 14:00 — 15:00 horas.
«LINHA ABERTA» — de segunda a sexta no horário das 23:00 — 24:00 horas.
NAO SERAO DOIS PROGRAMAS DIFERENTES!
Em «LINHA ABERTA» poderá expor o seu ponto de vista sobre problemas de interesse geral. O Fimancio:
AUTONOMIA
UMA PROMESSA CUMPRIDA?

requinte e conforto no seu lar!
MÓVEIS
ESTOFOS
CORTINADOS
DECORAÇÕES
a estofadora
Exposição-R. Fernão Ornelas, 21 Tel. 22813 FUNCHAL
Fabrica propria- R. Seminário, 10

TERRENO COMPRA-SE
Arredores do Caminho do Lazareto e Rua dos Louros, área apr. estimada 1.500 m². Resposta ao n.º X171 ou telefone 20177.

O MARÍTIMO NA LUZ
Hoje a partir das 14.45 horas, no Posto Emissor do Funchal, o relato do encontro BENFICA-MARTIMU.
Um exclusivo CIGARROS MAGOS.
Uma realização de Joaquim Santos

VALORIZE A MADEIRA E GARANTA O SEU CAPITAL



COMPRE UM MODERNO APARTAMENTO NO FUNCHAL
INVESTIMENTO MAIS FERIAS
Complexo Turístico FLORASOL dispendo de piscinas, centro comercial, jardins e estacionamento.
Em regime de propriedade horizontal.
Amplas vistas sobre o mar e as montanhas. (NA ZONA DO ALTO LIDO)
CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES
ISENÇÃO DA SISA E DA CONTRIBUIÇÃO PREDIAL DURANTE 10 ANOS.
AVISO
SE FEZER UM CONTACTO URGENTE AINDA PODE ADQUIRIR, GARANTINDO O CAPITAL DO SEU INVESTIMENTO, OS POUCOS APARTAMENTOS QUE RESTAM PARA VENDA
Peça informações sem compromisso a:
JORGE DE ABREU — Rua João Távira, 31-1.º/Sala 7
TELEF. 32241

CASA DOS ÓCULOS
ÓPTICA MÉDICA
RUA DO CARMO, N.º 2.C e 24.D
TELEFONE 29468 V198

Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus, no Funchal

Ótima: «Construção de Salão Paroquial da Freguesia do Sagrado Coração de Jesus, no Funchal»

O Padre Gabriel Arcaño de Sá, presidente da Comissão Fabriqueira da Igreja Paroquial do Sagrado Coração de Jesus, no Funchal:

Faz saber que se encontra aberta concurso público para arrematação da empreitada da obra em epígrafe, que terá lugar no dia 26 do corrente mês, pelas 14 horas, na sede desta Comissão Fabriqueira — Igreja do Sagrado Coração de Jesus.

Base de licitação 3 155 516\$80
Depósito provisorio 75 888\$00

O depósito definitivo será de 5% do valor da adjudicação. Poderão concorrer todos os indivíduos inscritos como empreiteiros de obras públicas na I categoria e classe respeitante ao valor da proposta apresentada.

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter sido efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências e delegações o depósito provisorio exigido, ou, na falta deste, garantia bancária.

As propostas deverão ser entregadas pelo Correio sob registo, ao Presidente da Comissão Fabriqueira, por forma a serem recebidas até a hora anunciada para a realização do concurso.

O processo, programa de concurso e caderno de encargos estão patentes, todos os dias, durante as horas normais de expediente, na sede desta Comissão Fabriqueira e na Secretária da Circunscrição do Urbanismo da Madeira.

Comissão Fabriqueira da Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em 6 de Novembro de 1977.

O Presidente,
Gabriel Arcaño de Sá

S. R.
Ministério da Educação e Investigação Científica
DIRECÇÃO DO DISTRITO ESCOLAR DO FUNCHAL

AVISO
Exames da 4.ª Classe do Ensino Primário Supletivo para Adultos
Aviziam-se os interessados de que decorrerá de 15 a 30 de Novembro de 1977 o prazo de entrega da documentação para a admissão ao exame da 4.ª classe do Ensino Primário Supletivo para Adultos.
A documentação deverá ser entregue na Direcção do Distrito Escolar do Funchal.
Direcção do Distrito Escolar do Funchal, 14 de Novembro de 1977.
O DIRECTOR ESCOLAR,
Luís Francisco Matosidade, X152

Madeira-Sheraton Hotel
SHERATON HOTELS AND MOTOR INNS, A WORLDWIDE SERVICE OF ITC FUNCHAL, MADEIRA ISLANDS

O NOSSO **GRILL-ROOM** ENCONTRA-SE ENCERRADO HOJE AO PÚBLICO POR MOTIVO DA FESTA DO PESSOAL.

PELO MESMO MOTIVO O P U B ENCERRARÁ A PARTIR DAS 20 HORAS

ORIGINAL COM DESFOCAGEM

TINTA REPASSADA
Bleed Though

CONGRESSO DO PS NO PORTO

PORTO, 19 — O reencontro das dificuldades que o país atravessa e a esperança de poder vencê-las através de um governo e medidas socialistas, foram as facetas dominantes das intervenções dos oradores que ocuparam a tribuna no decorrer da sessão de abertura do I Congresso Distrital da Federação do Porto do Partido Socialista.

FOTOCOPIAS

CHEQUES DOCUMENTOS LIVROS, etc. Novo processo electrónico em 5 SEGUNDOS DEBIDO 2550 CASA LONDRINA

Centro Social Desportivo de Câmara de Lobos (C.S.D.C.L.)

Certifico que de fl. 90 a fl. 100 v. do livro de notas n.º 363.B de fl. 1 a fl. 4 do livro n.º 366.B para escrituras diversas do Cartório Notarial de Câmara de Lobos, a cargo do notário licenciado Manuel Figueira de Andrade, se encontra anexada a seguinte escritura:

ATENÇÃO AGRICULTORES

A BAYER PORTUGUESA em colaboração com o seu Agente para o arquipélago da Madeira «SOCARMA» tem o prazer de anunciar a realização de projecção de filmes sobre o tratamento e cultura de Vinha, Fruta, Batata, etc., nos dias e locais abaixo indicados:

- NOVEMBRO — 24 (Quinta-feira) — Camacha às 18.30 h. (no Salão Paroquial)
25 (Sexta-feira) — Gaia às 19 h. (no Salão Paroquial)
26 (Sábado) — Est.º C.ª Lobos às 19 h. (no Salão Paroquial)
27 (Domingo) — Santana Porto da Cruz às 19 h. (no Salão Paroquial)
28 (Segunda-feira) — S. Vicente às 19.30 h. (Teatro das Feiteiras)
29 (Terça-feira) — Campanário às 19 h. (no Salão Paroquial)

IMPORTANTE:

No fim da projecção dos filmes estará à v. disposição um técnico qualificado a fim de prestar todos os esclarecimentos.

PUBLICIDADE

Associação Barmen de Portugal

Delegação da Madeira

Para celebração do lançamento PEPSI na Madeira, solicitamos a comparencia de todos os associados para dois momentos de convívio com o ídolo do futebol português EUSÉBIO

QUARTA-FEIRA (dia 23), às 15 e 30 horas, na Fábrica da MADIBEL, ao Caminho do Engenho Velho (S. Martinho).

QUINTA-FEIRA (dia 24), às 15 e 30 horas, na Sede da nossa Delegação.

A DIRECÇÃO

032

pequenos anúncios

BOM PORTE

As últimas novidades de pronto a vestir UNISEX para senhora, homem e criança.

Rua Padre Gonçalves da Câmara (ao lado da Papelaria Condessa) X168

ÁGUA DA RELVA

VENDE-SE 1 1/2 PENA Trata-se no BAZAR DO POVO X69

AGENTE PRECISA-SE

Para coleção de malhas de qualidade. Conhecedor de toda a prufa da Madeira, de preferência residente na Madeira. Resposta: António Alberto Gameiro Fernandes, Apartado 50, Minde. X172

ATENÇÃO

se está interessado num bom lote de PURA LA VIRGEM, TERYLENE ou outras FIBRAS, peça amostras ao APARTADO 56, COVILHA — agora também panó para jéneira, VT2

ABACATES — COMPRAM-SE

Aos melhores preços. Telef. 94030. X167

CARTOLAS

Avinhadas, de castanho, 100 litros — vendem-se. Aqui se diz. X181

CARRO

Volkswagen, em bom estado, compra-se. Aqui se diz. K449

CHOCADERAS ELECTRICAS

Vendem-se de 160 e 320 ovos. Tratar pelo telefone 21902 todos os dias úteis das 13.30 às 15 h. X185

CARRO — VENDE-SE

Furgoneta Volkswagen, caixa aberta, bom estado geral. Ver Mini-Feira. Tratar João Cairas. K466

COMISSIONISTA

Precisa-se para trabalhar artigos bem introduzidos no mercado, de preferência com carro. Ganhos superiores a 10 contos. Resposta a este Diário no N.º X158.

CONTABILIDADE GERAL

Dão-se explicações. Telefonar para 23274, de manhã. X149

CABELEIREIRO DE SENHORAS

Toma-se por arrendamento. Telefone 33936. X179

CASA — PRECISA-SE

Casa idosa deseja 2 ou 3 quartos, cozinha e casa de banho, por 5 meses, de Dezembro a Abril, de preferência rés-do-chão. Tratar-se pelo telefone 25991. X168

EMPREGADA DOMESTICA

PRECISA-SE. Tratar Telef. 29759. K460

EMPREGADA DOMESTICA

PRECISA-SE. Tratar R. Torres, rua 58 das 15 às 17 horas. K458

EMPREGADAS

PRECISAM-SE. Rua Ponte São Lázaro, 5. K443

EXPLICAÇÕES

Gratuitas. Ciências Naturais e Físico-Químicas para o antigo 5.º do Liceu. Curso intensivo. X153

PUBLICIDADE

COOPOSMAR

Cooperativa Popular de São Martinho, SCARL

CONVOCAÇÃO

Ao abrigo do art.º 23.º-1. convoco uma Assembleia Geral para se fazer cumprir o art.º 14.º — Ponto único — dos estatutos da COOPOSMAR, que se realiza hoje (Domingo), dia 20 de Novembro de 1977, pelas 19 horas (4 horas da tarde) na sede da mesma, com a seguinte ordem de trabalhos: — Ponto prévio — Leitura da acta da Assembleia anterior e suas discussões e aprovação; — 1.º — Discussão e aprovação da proposta de reestruturação dos corpos gerentes da COOPOSMAR, apresentada pela Direcção; — 2.º — Informações gerais; — 3.º — Críticas e sugestões. Funchal, 19 de Novembro de 1977. O Presidente da Mesa da Assembleia Geral Agostinho de Jesus Sá Teixeira Sócio N.º 3 K471

EMPREGADA DOMESTICA

Precisa-se. Tratar à 2.ª Travessa do Lameiro, n.º 30. X174

FURGONETA

VENDE-SE, marca Ford Escort, Estado Impecável, Rua S. Francisco, 30 — Telef. 21572. X19

MERCEDES 280 S

Último modelo, a gasolina, Cor preta, vidros coloridos, direcção assistida, ar condicionado, estofos de tecido castanho, estado de novo, 40 000 km, apenas 800 contos, vende Industrias Rádio Eléctricas Marrafa, Lda. Ass.ºs Ovar (telefone 32761, rede de S. João da Madeira). X176

PRECISA-SE

Duas professoras do ensino liceal procuram dois quartos. Telefone 27013. X170

PRECISA-SE

Empregado baixeiro para loja de malhas e confecções, com prática. Resposta ao n.º X184

QUARTO PRECISA-SE

Com mobília para eventualidade de preferência independente. Aqui se informa. K463

Lotaria do Natal

42.000 contos RECEBA EM JUIZ CASO O NUMERO DO TIRAPRIME telef. 31467 X148

PARA BEBÉ OU CRIANÇA

Babygrams, fraldas, camisetas, chapeus, boné, batinhas, brinquedos, lençóis, colchas, cobertores, fatos baptizados (em branco ou cor) e ainda uma grande gama para todas as idades. IRMAS NUNES — R. P. Nova, 11 TECIMGDA — Rua Carreira, 217 X185

PREDIOS — VENDEM-SE

No centro; um comercial, alagado, e outro de habitação vasto; ambos com 3 andares. Tratar R. 31 Janeiro, 68-A-L., das 10 às 12 horas. X154

PRECISA-SE

Mulher que borde linceos da Madeira, vários tamanhos. Rua do Seminário 35-2.º Sala 2. X160

Sosousas Lda. VENDE

AUSTIN MINI IMA 1977 DATSUN 2 PORTAS 1975 VOLKSWAGEN 1500 1949 CITROEN GS 1975 SIMCA 1900 1971 AUSTIN 1000 1972 OPEL CARAVAN 1204 1972 MAZDA RX2 1972

Facilidades de pagamento RUA DA CARREIRA, 192 Telef. 30107 X157

Atenção aos cabeleiros

Vendem-se 2 secadoras de braços, com 1 ano de garantia. Tratar: telef. 33730. K473

REPARAÇÕES

Em todas as marcas de rádios, incluindo SEIKO e Orienta, Rua do Bispo, 2, 2.º and. — FUNCHAL. X449

RAPARIGA

Com 19 anos de idade, solteira, com o 7.º ano liceal completo, falando e escrevendo correctamente Inglês, Francês e Alemão, com curso de dactilografia, oferece-se para trabalhar em grandes empresas. Aqui se diz. X459

TRESPASSAM-SE

Duas salas no centro do Funchal. Resposta a este Jornal ao n.º K454.

TERRENO VENDE-SE

No GANICO. Telef. 26518. K457

TOYOTA COROLLA 1200

VENDE-SE Motivo de embarque, com facilidades de pagamento. Tratar telef. 28806. X386

TALHOES PARA CONSTRUÇÃO

Vendem-se dois, no Equipamento Quinta de São Miguel, Caminho Velho do Palheiro, ou entrado pela Rua Nova. Tratar-se no referido local das 4 às 8 horas, das 9h 30m às 20h de corrente mar, ou pelo telefone 94425, das 7 às 9 horas da tarde. X173

VENDE-SE

Dois baldios de terreno, com 580 m2. Tratar pelo telefone 26516. X173

VENDE-SE

Carro Suzuki, 3400 DL, óptimo estado, económico, chapa MA-09-74. Ver Cervejaria do Colégio, Rua Padre Gonçalves da Câmara, 21378, no Domingo até às 12 horas, ou 60154 com Brilo Cumbuco, Av.ºs S. Jorge, X175

VOLKSWAGN 1300

Vende-se por 150.000\$000, com 41.000Km, e em bom estado. Tratar-se pelo telefone 22283, das 18 às 22 horas. X152

VENDE-SE

Casa com condições para residência do estabelecimento. Tratar: telefone 26606. X177

VENDE-SE

Plat. 125, 2 portas, Morris L100, 4 portas, Recobro troca. Tel. 21450. X183

VENDEDOR

Activo, dinâmico, com carro. Para trabalhar artigo de grande consumo. Ordenado e mais comissão. Resposta a este Diário ao N.º X159.

VENDE-SE

Prédio estilo americano, c/ 3 qto, sala comum, 2 c. banho, com a despesa grande e garagem. Tratar: tel. 20790. X127

VENDE-SE

Volkswagen 1200. Tratar-se na Sociedade Arábia ou Papelaria Londres com sr. José António Rodrigues ou Telefone 28531. K447

VENDE-SE

Banheira antiga, Rua Emeral, do 49—Telefone 20747. K456



modernismo qualidade preço igual a investimento certo



Largo do Chafariz, 19-2.º tel. 33190 FUNCHAL

publicidade

Quando a Reestruturação da Frota Atuneira Madeirense

No dia 16 do corrente um grupo de armadores de Atum visitou a traineira espanhola «Villa San Nicolas» atracada aos Cais da Pontinha, cobrindo dados das suas características, e modo de pescar, preços praticados pelas indústrias no acto de arrematação do pescado em portos espanhóis e o preço do gasóleo para a indústria da pesca.

A traineira «Villa San Nicolas» está registada no porto de S. Sebastião, tem de comprimento, 24,12m, de boca 6,34, de calado 3,32m com uma capacidade de porto 11,44 B e está apetrechada com um motor Bourdon de 40HP e mais dois motores auxiliares de três potências.

Quanto à maneira de captar os cardumes é por meio de «sonar» estando equipada com dois sonares, uma sonda, um radar, dois radiogoniómetros, aparelhos de recepção e comunicação e um laser e outros aparelhos. Os cardumes são detectados em qualquer profundidade até aos 80m, no caso do atum é interceptado a seguir, ficam naquelas redondezas até o atum chegar à superfície, utilizando para a sua captura a pesca de vara ao contrário da rosca pesca e como todos sabem só se pesca com atum à vista. Os espanhóis não se incomodam a vigiar o peixe. Consultamos o capitão e os pescadores quanto aos preços praticados no caso do atum pelas fábricas espanholas, e logo nos disseram que dependo da espécie. Exp. VOADOR 150 patas, 80500 kg.; PATUDO 110 patas, 55500 kg. e GAIADO 90 patas, 45500 kg. Nós deixamos nos rir, pois na Madeira é a 20500 PATUDO e VOADOR, 17500 o GAIADO para as fábricas.

Quanto ao gasóleo para a pesca é de 4,5 patas 2500 litro, enquanto os pescadores portugueses pagam 5500 litro. Os pescadores espanhóis não passam-se à saída da traineira, perguntaram o que ensinavam na escola de pesca da Madeira, nós voltamos a sorrir dizendo, nem sequer existe.

publicidade

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA AVISO

Pelo presente, se comunica estar aberto concurso de admissão de Montadores de Telecomunicações de 3.ª classe, para preenchimento de vagas desta categoria existentes na Delegação da Radiodifusão Portuguesa no Arquipélago da Madeira, a que poderão candidatar-se indivíduos com idade compreendida entre os 18 e os 40 anos, habilitados com o 2.º ciclo liceal ou equivalente, o curso de Montador Radiofónico ou de Montador Electricista e Electromecânico.

As respectivas inscrições deverão ser endereçadas à Radiodifusão Portuguesa — Rua dos Neos, n.º 27 — Funchal, no prazo de 15 dias, contados a partir da data da publicação do presente aviso.

Radiodifusão Portuguesa, 11 de Novembro de 1977.

O DIRECTOR DE PESSOAL
Dr. Arlindo de Carvalho

X87

5 + 1 GRÁTIS LP STEREO



FADO — Requeim por um Morgado; Fado de raça; Vozes de Fátima; Amor e Fado, etc. CANÇÕES para MÍDODOS — Fer as de Natal; As pombo do meu Fado; Somos três Marias, etc. CANÇÕES PARA A REVOLUÇÃO — Somos ilhas; Gândula Vila Moura; Avante Camaradas; A Internacional, etc. AS ENCOSTAS DO FUNCHAL — Sempre que Lisboa canta; El mundo le quero dar; El l'hoeta, etc. FADOS HUMORÍSTICOS — Vamos dar caça à Pide; Bacalhau Tenreiro; Vira do cacete, etc. OFERTA — Tarde Wind-Daex And Shorts; Manhã as Mord; Hot Wind, etc. Conjunto de 5 LP Stereo 500500 mais um de oferta. Enríamos a cobrança para o Continente e Ilhas acrescido das portes do correio.

BABILÓNIA

Apartado n.º 15 — Códem

K441

Câmara Municipal do Funchal

A Presidência informa que em 17 do corrente foram tomadas as seguintes decisões:

- 1.ª — Adjudicar à Firma Gaspar de Andrade & Filho, a empreitada de infra-estruturas de Santo Amaro, relativas à zona onde estão em construção diversas blocos para habitação social pelo valor de 25.907.707\$40.
- 2.ª — Convidar o arquitecto Manuel Castro Alves de Sousa a elaborar o estudo de Renovação da Rua D. Carlos I e de recuperação da Rua de Santa Maria, bem como o estudo urbanístico do Campo Almirante Reis e toda a zona até ao Forte de Santiago de acordo com a orientação definida pelo Plano Geral de Urbanização do Funchal, tomando em conta a ideia de implantação de uma piscina olímpica e outro equipamento para a área, em questão.

Funchal, 19 de Novembro de 1977.

O Presidente da Câmara,
Virgílio Hignó Gonçalves Pereira

K473

BATATA SEMENTE

ULSTER CLASSIC

PELO NAVIO «BLACK WATCH» RECEBEMOS UMA REMESSA, QUE SERÁ A ÚNICA NESTA CAMPANHA, DA TAO PROCURADA VARIEDADE DE BATATA «ULSTER CLASSIC».

Pedidos a

Luiz Gomes da Conceição, Fos. Lda

RUA DA SÉ. 7 e 9 — TELEFONE 20091

publicidade

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA GOVERNO REGIONAL

SECRETARIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA

SERVIÇO CÍVICO ESTUDANTIL AVISO

ANO PROPEDÊUTICO

Informa-se os candidatos interessados que:
1.—As emissões do Ano Propedêutico começam a ser transmitidas pela RTP, a partir de Segunda-Feira dia 21/11/77, com o seguinte horário:

HORAS	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
10.15	L. Portuguesa	Inglês I	Desenho	L. Portuguesa	Inglês I
10.40	História	Filosofia	História	Matemática	Filosofia
11.05	C. Naturais	Matemática	C. F. Quím.	C. Naturais	C. F. Quím.
11.30	Desenho	Francês II	Português	Francês II	Português
11.55	Francês I	Alemão	a)	Inglês II	Alemão
12.20	Inglês II	Geografia	a)	Geografia	Francês I
12.45	Latim	Grego	a)	Latim	Grego

- 1.—Período destinado a esclarecimento de dúvidas.
 - 2.—Se encontram à venda nesta Delegação Distrital, à Rua dos Ilhéus, 9, os textos de apoio das disciplinas: Inglês I, Inglês II, Francês I, Francês II e Alemão.
 - 3.—Oportunamente será divulgada a data das inscrições.
- Funchal, 17 de Novembro de 1977.

O Delegado
Isabel Margarida Garten X165



PHOENICIA
International Trade Trophy
MALTA 1977
CAVES ALIANÇA
SANGALHOS-PORTUGAL

O prémio «PHOENICIA» foi estabelecido para distinguir, a nível internacional, empresas industriais e organizações que através do seu próprio desenvolvimento industrial, tenham encorajado e promovido a colaboração entre os povos, nos campos da produção, da economia e da força do trabalho.

As CAVES ALIANÇA sentem natural orgulho ao verem-se distinguidas com aquele troféu. O «PHOENICIA» International Trade Trophy, concedido pela República de Malta, vem premiar o esforço que as Caves Aliança sempre fizeram por um desenvolvimento das relações comerciais entre países, conseguido através da qualidade dos seus produtos — única arma de que dispõem para competir no mercado.

República de Malta, vem premiar o esforço que as Caves Aliança sempre fizeram por um desenvolvimento das relações comerciais entre países, conseguido através da qualidade dos seus produtos — única arma de que dispõem para competir no mercado.

CAVES ALIANÇA

médicos

DR. ALFREDO DUMONT MACHADO DOS SANTOS

RAIOS X

2.ª Fern. Ornelas, 18 — Tele. 22209
1.ª, 4.ª e 6.ª, das 9 às 11 horas
C704

DR. ALMERINDO MATOS

CLÍNICA MÉDICA
alternato de Partos do H. U. C.
consultas por marcações todos os dias excepto aos sábados a partir das 14.30 horas R. Dr. Fernão Ornelas, 33-1.º, Telef. 21098. Residência 25717 U126

DR. ANTÓNIO V. JARDIM

Radiologista do Hospital Distrital de Funchal

RAIOS X

2.ª, 4.ª e 6.ª, das 15 às 17 horas
R. da Conceição, 63 — Telef. 20597 U187

ANTÓNIO JOSÉ PITA DA SILVA

ESPECIALISTA

Ortopedia — Traumatologia
DOENÇAS DE OSSEOS
consultas por marcação
Consultório 21900
Residência 22800
144 Rua do Carmo, 48 24637

DR. CÂMACHO DE FREITAS

Especialista em doenças de pele e venéreas
Ausente durante o mês de Novembro X39

Élvio M. Ribeiro Pereira

Médico psiquiatra (drenagem por vomito) Director do Centro de Saúde Mental do Funchal R. Dr. Fernão Ornelas, 33-1.º Telef. 22602 Res. 30252 Consultas por marcação. V79

Dr. Alivar Jones Cardoso
AUSENTE ATÉ O DIA 28/11/77.
V253

DR. FARIA NUNES

MÉDICO ESPECIALISTA
OBSTETRICIA — PARTOS
Consultório Rua do Carmo, 2-3
Telefones Consultório 25725 U111 Residência 20914

DR. GABRIEL RIBEIRO

CLÍNICA MÉDICA
Coza, R. Dr. Fernão Ornelas, 12.
Telefones Consultório 20150 R30 Residência 24884

J. FLORENCIO AGUIAR

MED. REABILITAÇÃO
FISIOTERAPIA
RECUPERAÇÃO DE
DOENÇAS CRÓNICAS
Consultas diárias por marcação
Coza, Tel. 32400
U09 Res. Tel. 21739
R. IVENS, 25-3.º

José Alberto Silva Rodrigues

MÉDICO
Inferno do serviço ortopédico do Hospital Distrital do Funchal
Consultas — 2.ª, 4.ª e 5.ª feiras das 15 às 17 horas.
Rua 31 de Janeiro, 75 3.ª-B
Telefone 32700. X17

DR. JORGE REBELO

Clínica Médica — Radioscopia
Praça do Município, 8-2.º
Telef. 21264 — 23556 P20

DR. JAIME JARDIM FERNANDES

Especialista de Ortopedia e Traumatologia (Doenças de osso)
Consultas diárias excepto aos sábados e quintas-feiras, das 15.30 às 19 horas. R. das Pretas, 92 1.º. Telef. 23700. Residência telef. 21504 Consultas por marcação. X74

DR. IVO DIAS

MÉDICO ESPECIALISTA
DOENÇAS DE CRIANÇAS
Cons. R. 31 de Janeiro, 75-3.º-B
Por marcação, das 18 às 20 horas, todos os dias excepto aos sábados.
Telef. Cons. 32700, Res. 29818 V137

DR. LUIS SOTERO GOMES

ESPECIALISTA
DE OUVIDOS, NARIZ
E GARGANTA
Rua Dr. Fernão de Ornelas, 19-2.º
Telefone 22121. T328

DR. MARIO SARDINHA

CLÍNICA MÉDICA
Consultas das 4.30h. às 6.30 h.
ras. Telefones Residência 21505.
Consultório 22232. T138

MARIA ANTONIETA BARRETO RELVAS

MÉDICA ESPECIALISTA
Medicina física e recuperação
Consultas diárias por marcação a partir das 14 horas
Rua da Carreira, 73-3.º
Telefone 34106. V20

NOBREGA FERNANDES

Médico especialista em psiquiatria.
DOENÇAS NERVOSAS
Consultas por marcação a partir das 14 horas
Rua 31 de Janeiro, 75-1.º Dto.
Telefones Consultório 3178. M21

NELIO FERREZ MENDONÇA

MÉDICO ESPECIALISTA
Obstetria - Ginecologia
Consultas por marcação
R. Aljube, 61-2.º
Telefone 25700 V25

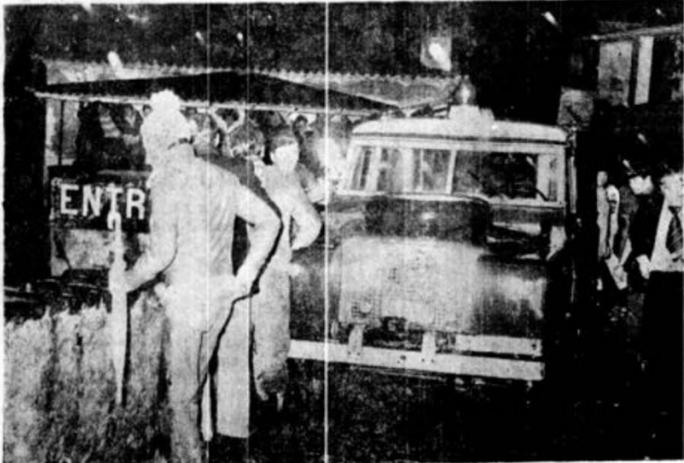
DOCTOR ROBERTO ORNELAS MONTEIRO

Ex-Director do Serviço de Cirurgia dos Hospitais da Universidade e Professor da Faculdade de Medicina
Director do Serviço de Cirurgia do Hospital do Funchal
de CIRURGIA GERAL
Consultas diárias por marcação a partir das 15 horas.
Telefones Consultório 28348 Residência 28254 X27 RUA IVENS, 25-3.º

Dr. Walter Belmonte

RETOMOU A CLÍNICA
Av. do Infante 26-E
Telef. 20943 K464

TRAGÉDIA NO AEROPORTO DE SANTA CATARINA



Sob a chuva que fustigava, os populares acotovelavam-se para assistir às operações de socorros. Atrapalhando a acção dos bombeiros e equipas de assistência médica.

APÓS AUGUSTIANTE EXPECTATIVA MÃE QUE REENCONTRA O FILHO NO HOSPITAL

Na sequência desta tragédia que enluta a Madeira, surgiram cenas profundamente comovidas, daquelas que fazem arrepia e trazem as lágrimas aos olhos mesmo dos espíritos menos sensíveis.

Uma das cenas passou-se no Hospital Distrital. Dando a sua colaboração no transporte de feridos, como cidadão consciente e responsável, o sr. Juvenal Cardoso transportou para o hospital uma criança de cerca de cinco anos que fora recolhida dentro os destroços calcinados do avião sinistrado. Vinha aparentemente em estado de choque, mas com vida.

A entrada da criança no hospital, uma senhora ferida, por entre as dores que a atormentavam, reconheceu o filho querido. Foi uma alegria intransferível que amenizou um pouco o sofrimento dessa mãe. Uma mãe que sofria igualmente a expectativa angustiante de não saber o destino de seu filho.

Uma cena que permanecerá indelével na sensibilidade de quantos a ela assistiram.



Cobertos por lençóis, na capela da Misericórdia de Santa Cruz, os primeiros sete corpos sem vida que ali deram entrada. Mais tarde, quando recebemos a última comunicação (antes de encerrarmos os nossos serviços) já ali haviam dado entrada 56 cadáveres (20 de mulheres, 21 de homens, 2 de crianças e 13 irreconhecíveis).



As ambulâncias eram poucas para transportar feridos. Daí o transporte dos cadáveres, por vezes, em veículos como este, que aqui vemos, junto a capela da Misericórdia de Santa Cruz, transformada em morgue.

Palavras do Dr. Nélcio Mendonça

Inquirido pela nossa Reportagem, em Santa Cruz, acerca da tragédia que ali se consumou, o dr. Nélcio Ferraz Mendonça, secretário regional para a Saúde e Assuntos Sociais, dir-nos-ia:

— São desastres que acontecem por vezes e que temos de aceitar.

Sobre a organização de socorros, acrescentaria:

— Constei que o Hospital Distrital garantiu o maior apoio, nada faltando, quer na parte de assistência, quer na parte medicamentosa.

«Efectivamente, compareceu a maior parte, não a totalidade das equipas médicas, além de vários doadores de sangue que, numa hora como esta, nunca são de mais.»

Reportando-se ao local do sinistro:

— Já aqui verifiquei a boa vontade dos bombeiros, da Polícia e dos populares.

IMPRESSÕES DE D. FRANCISCO SANTANA

O prelado da Diocese, D. Francisco Antunes Santana, também compareceu no local do sinistro, procurando amenizar o sofrimento das vítimas da tragédia.

Instado a emitir uma breve opinião sobre o infeliz acontecimento, D. Francisco Santana, ainda comovido com o quadro de destruição que lhe era dado observar, disse-nos:

— Isto, infelizmente, acontece em qualquer aeroporto, mas neste caso tem um impacto maior, porque o nosso aeroporto é pequeno.

INCRÍVEL!

A desventura de uns não é sentida por todos da mesma maneira. Daí ver que enquanto bombeiros, médicos, enfermeiros e populares lutam por salvar a vida aos corpos lançados no escahuo, oportunistas, inqualificáveis procuram entre os destroços os haveres dos infortunados.

Há quem não se contente com uma insignificante pequena parte da fuselagem e roube — é o termo — malas e utensílios pessoais das vítimas.

Aproveitar-se da concentração das autoridades na sua missão de salvamento para roubar é inícuo. Malágo saber que há indivíduos assim, sem sentimentos.



REPORTAGEM

Para que a nossa edição de hoje apresentasse o serviço patente aos leitores, necessário foi que se processasse uma mobilização geral dos quadros redactoriais, gráficos e fotográficos de «DN», aos quais se juntaram alguns dos nossos mais estreitos colaboradores do dia-a-dia.

Durante toda a noite, quer em reportagem de exterior, quer em serviço de compilação de elementos, houve um esforço conjunto dos nossos quadros. O que sempre tem acontecido, quando os acontecimentos o justificam.

Esse espírito voluntarioso proporcionou apresentarmos, em desenvolvimento, como aqui fica patente, a reportagem sobre o sinistro do avião da TAP. Colaboraram neste trabalho de equipa:

- REDACTORES**
Silvia Silva
Luís Jardim
Dinis Alves
Catanho Fernandes
Tolentino Nóbrega
Rui Silva
José Reis
- FOTOGRAFOS**
Agostinho Spínola
Catanho Fernandes
- COLABORADORES**
Braulio França
Sílonio Fernandes (texto)
Maurício Fernandes (Desenho-reconstituição)
João Pestana (Fotografias)
- Registamos também a amável colaboração da agência noticiosa (ANOP).



LUIS JUSTINO HENRIQUES DE FREITAS — O conhecido automobilista madeirense, no número das vítimas que não sobreviveram ao terrível sinistro de ontem

DR. RUI NEPOMUCENO NÃO VIAJAVIA NO AVIÃO ACIDENTADO

Ao contrário do que chegou a contar na nossa cidade, o dr. Rui Nepomuceno não se encontrava, felizmente, entre os passageiros que tomaram o avião «Sacadura Cabral», embora ohegasse a estar inscrito na lista de embarque.

Afazerem de última hora levaram aquele advogado a adiar a sua partida para o voo seguinte, encontrando-se presentemente no Porto Santo, aonde aterrou o avião em que viajava.

MINISTRO DOS TRANSPORTES E COMUNICAÇÕES ORDENOU A ABERTURA DE UM INQUÉRITO AS CAUSAS DO ACIDENTE

— REFERE UM COMUNICADO DA TAP

LISBOA, 20. — É do seguinte teor o comunicado da transportadora aérea nacional e divulgado há momentos, sobre o acidente do avião no Funchal:

«A TAP lamenta informar que um dos seus aviões, tendo a bordo 156 passageiros, sofreu um grave acidente após a aterragem no aeroporto do Funchal, no dia 19 de Novembro, pelas 21.36, hora local.

Trata-se de um avião «Boeing-727» que operava o voo TP425, procedente de Bruxelas, com escala em Lisboa.

Segundo informações telefónicas recebidas do Funchal, deram entrada até agora no Hospital Distrital do Funchal 56 sobreviventes dos quais três apresentam certa gravidade.

Segue esta manhã no primeiro voo para o Funchal, uma Comissão de Inquérito a fim de averiguar as causas do acidente. O ministro dos Transportes e Comunicações Rui Vilar, ordenou a abertura de um inquérito sobre as causas do acidente, pelo que deve seguir ao princípio da manhã de hoje no primeiro voo regular (06.45 horas t.m.g.), a comissão encarregada das averiguações.» — (Anop)



QUADRO MACABRO — sugestão de uma «Guernica» que teve por palco a Madeira. Corpos em posições grotescas, alguns exalando os últimos fios de vida. O sinistro aconteceu poucos minutos antes.

EM HORA DE COMOÇÃO A CRUEZA DA REALIDADE

O desastre de aviação que ontem sucedeu enlutou a Madeira. É evidente que a contingência é lei do mundo.

Porém, há que considerar os factores que podem conduzir ao risco: neles estão inerentes o homem e a máquina. A máquina e o espaço. A este acontecimento que encheu de tristeza o coração dos madeirenses, não pode estar alheio o reduzido espaço da pista do nosso aeroporto.

Por isso, hoje mais do que nunca, com a profunda comoção que sentimos, clamamos ao Governo o urgente prolongamento da pista.

ÚLTIMA HORA (ÀS 05,00 HORAS)

123 MORTOS NA TRAGÉDIA 39 FERIDOS INTERNADOS NO HOSPITAL DISTRICTAL DO FUNCHAL

Não obstante os incansáveis esforços de todas as equipas de socorro, há a lamentar a morte de 117 passageiros e seis tripulantes do avião sinistrado em Santa Catarina.

Este número apresentamos sob compreensíveis reservas, pois foi por nós deduzido entre o número de pessoas embarcadas e o de feridos internados no Hospital Distrital do Funchal, que são 39.

A seguir publicamos alguns elementos de identificação dos sinistrados, que nos foram facultados pelo Serviço de Urgência do Hospital:

- Guy Lebranc
- Jorge David Ferreira da Silva
- Maria Lurdes Pimenta Silva
- Feliciano Oliveira Menezes
- Maria José Silva Alcântara
- Carlos Jorge (futebolista do Barreirense)
- Andrade Nóbrega
- José Manuel Coelho
- João Bartolomeu de Sousa
- Van Victor Nicks
- Maria de Lurdes Fernandes Agrela Ferreira
- Mrs. Rempeter
- José Luis Garcia
- Jorge David Silva
- Dr. Ricardo Torquato Magalhães (médico policlínico no Funchal)
- Avelino Nunes Ferreira
- José Manuel Torres Freitas
- Maria Alice Basto Vieira

- Neivos
- José Paiva Marques Silveira
- Rita Brabant
- Alberina Perreira Oliveira Menezes
- Mr. Haglstein
- Carlos José Dóres
- Maria Conceição Severino Perreira
- Mr. Van Dinstelt
- Ismael Dinis Teixeira
- Mr. Van Bast
- Lec Rosa Hermans
- Marie Paule Ooterlinck e marido (N. I.)
- António Rodrigues Cabral
- Rosária Adams Fonte
- Marie Paule Amilili
- Stein Jans
- David Slick
- Romana (3 anos)
- Daniel Xavier (2 anos)
- Joseph (suíço)
- António Feliciano Vieira Sardinha

DEZ MORTOS NO HOSPITAL

Entretanto, às 5 horas de hoje, encontravam-se depositados no morgue do Hospital Distrital, dez cadáveres de acidentados do desastre aéreo. Identificados, apenas cinco, que são:

- Dr. Carlos Pereira (médico, natural de Câmara de Lobos)
- Christophe Joseph Monjoie e esposa
- Alvaro José de Sousa, natural de Moncorvo
- Ivonne Verikomen (belga)

INFORMAÇÃO COBERTA / DOBRAS



A2

B3

A3

B4

A4

B5

A5

DOCUMENTO RASCADO
Tom Document

A5

B5

A4

B4

A3

B3

Cine Jardim Cinema João Jardim

<p>AS 18 HORAS</p> <p>Karate e artes marciais</p> <p>O HOMEM DE FERRO</p>	<p>AS 13,30 HORAS</p> <p>Aventura e artes marciais</p> <p>ROBINSON CRUSOE</p> <p>O HOMEM DE FERRO</p>
<p>AS 20,45 HORAS</p> <p>Suspense e aventura</p> <p>SERPENTE DE OURO</p>	<p>AS 17,15 HORAS</p> <p>Amor... Aventura... Sexo!</p> <p>FÉRIAS ENCANTADORAS</p> <p>FLESH GORDON</p>
<p>FLESH GORDON</p>	<p>AS 21 HORAS</p> <p>FÉRIAS ENCANTADORAS</p> <p>O HOMEM DE FERRO</p>

AMANHÃ — SEGUNDA-FEIRA

<p>AS 18 HORAS</p> <p>ROBINSON CRUSOE</p>	<p>AS 13,30 HORAS</p> <p>ROBINSON CRUSOE</p> <p>O HOMEM DE FERRO</p>
<p>AS 20,45 HORAS</p> <p>ROBINSON CRUSOE</p>	<p>AS 17,15 HORAS</p> <p>Sexo e Kung-Fu</p> <p>FÉRIAS ENCANTADORAS</p> <p>O HOMEM DE FERRO</p>
<p>O HOMEM DE FERRO</p>	<p>AS 21 HORAS</p> <p>FÉRIAS ENCANTADORAS</p> <p>FLESH GORDON</p>

interior

ACABOU DE RECEBER GRANDE VARIEDADE DE SOFÁ-CAMA EM VELUDO



com facilidades de pagamento RUA DA CARREIRA, 114-116

COSTA ARMATORI S.P.A. — GENOVA

Para VENEZUELA

O Transatlântico

«FEDERICO C»

A 25 DE NOVEMBRO 6 dias de viagem

Dispondo ainda de alguns lugares

Para passagens e informações trata com:

«AGÊNCIA FERRAZ»

Joaquim M. Ferraz Simões

Avenida de Zarco, 2.A — Telefones: 21740 e 20652

NOTA PASTORAL

Estamos todos de luto, perante a tragédia que ontem sucedeu no aeroporto de Santa Catarina. Várias famílias madeirenses e de turistas estrangeiros hoje choram os seus familiares.

Convido todos os diocesanos a elevarm até Deus o sufrágio por nossos queridos mortos e que salvem os feridos que sofrem nas camas do Hospital.

Estive no local do acidente, visitei os feridos no Hospital e acompanhei os mortos piedosamente depositados na capela da Misericórdia de Santa Cruz.

Os médicos, enfermeiros e bombeiros e vários populares foram até ao auge das suas forças físicas para salvar os passageiros do avião sinistrado. Louvemos o seu esforço e total dedicação.

Rezem, na humildade das nossas almas, ao Senhor da Vida.

Funchal, 20 de Novembro de 1977.

† Francisco, Bispo do Funchal

NO HOSPITAL DISTRITAL

FAZENDO O IMPOSSÍVEL PARA SALVAR VIDAS

No Hospital Distrital a azáfama era, obviamente, imensa.

Junto da entrada para o «Banco de Urgência» aglomeravam-se dezenas de pessoas dançando a satisfação a uma curiosidade quase mórbida de ver chegar os feridos.

Carros particulares e ambulâncias chegavam constantemente, transportando sobreviventes da tragédia.

A entrada, médicos, enfermeiros e outro pessoal, lutavam contra o tempo, ministrando os primeiros socorros áqueles que chegavam ainda com vida, os quais eram depois levados para o «Banco».

No átrio, algumas pessoas num estado de desespero evidente aguardavam mais sobreviventes na expectativa de verem familiares que viajavam no avião sinistrado.

Uma senhora chorava pelo marido que ainda não chegara. Um casal que estivera no Aeroporto aguardando a vinda de uma neta esperava ansiosamente vê-la entre os corpos que era transportados para o interior do Hospital. Ele afirmava-nos: «Vimos o avião tocar com as rodas traseiras no rio da praia, em frente à gare; depois tocou com a roda da frente mas continuou com muita velocidade e saiu da pista. Não ouvimos um grande estrondo; vimos apenas um clarão».

Entretanto, iam chegando mais carros. A maioria das pessoas parecia ainda ter vida, embora fossem visíveis os sinais de queimaduras e ferimentos diversos.

Numa porta contígua à do «Banco» formava-se uma fila de pessoas para dar sangue, colaboradores anónimos na tarefa árdua que se desen-

volvía em todo o estabelecimento hospitalar.

Um casal estrangeiro tentava fazer-se entender. Quando finalmente o conseguiu, verificou-se que ele era médico e vinha oferecer os seus préstimos.

Prontamente foi conduzido ao interior pois, apesar dos clínicos já presentes, todos não eram muitos para o trabalho necessário.

PESQUISAS NO MAR

RECOLHIDOS 6 MORTOS

O patrulha «Cassinos», da Marinha de Guerra Portuguesa, colaborou, na noite de ontem, nas pesquisas em mar, para encontrar sobreviventes ou mortos do avião destruído.

A bordo daquele patrulha seriam recolhidos 6 mortos e nenhum sobrevivente.

Pelo facto dos mergulhadores voluntários da nossa Marinha de Guerra não terem podido actuar ontem, às 23.30 horas, devido ao estado do mar, essa operação de pesquisa submarina será efectuada hoje, na zona marítima fronteiriça ao local do acidente, para onde parte um dos patrulhas surto no nosso porto, pelas 7 horas.



DR. CARLOS PEREIRA — O médico madeirense contactado entre o número dos mortos. Sua esposa e um filho, que o acompanhavam, também pereceram no acidente.



JOÃO BARTOLOMEU DE SOUSA — retirado com vida dos destroços.

Bombeiro vítima de intoxicação

Vítima de intoxicação deu entrada no Hospital Distrital do Funchal, durante esta madrugada, o bombeiro do Município, José Carlos de Freitas.

Segundo informações colhidas no próprio hospital, a intoxicação ficou a dever-se a gases expelidos pelo gerador eléctrico de que aquele homem da paz estava encarregado. Os gases teriam invadido a cabina do automóvel onde se encontrava o José Carlos de Freitas recolhido da chuva torrencial que caiu.

Últimas notícias sobre a tragédia

As quatro horas da madrugada encontravam-se depositados na capela da Misericórdia, em Santa Cruz, os cadáveres de 20 mulheres, 21 homens e 1 criança.

Entretanto foram retirados dos destroços outros 13 cadáveres irreconhecíveis que se encontram depositados no cemitério paroquial de Santa Cruz, devido à capela se encontrar superlotada.

EM 5 DE MARÇO DE 1973

AVIÃO DA «IBÉRIA» DESPENHOU-SE NO MAR PRÓXIMO DO PORTO NOVO

Na madrugada do dia 5 de Março de 1973, ocorreu o primeiro desastre de aviação na Madeira.

Em 00.30 horas, um avião «Caravelle» da companhia espanhola Ibéria, despenhou-se no mar, próximo do Porto Novo, quando efectua a aproximação para aterrar no aeroporto do Funchal.

O aparelho espanhol trazia uma tripulação constituída por três elementos e vinha a esta ilha buscar os passageiros de um outro avião da mesma companhia que se encontrava estacionado no aeroporto de Santa Catarina, com avaria no

tem de aterragem.

O «Caravelle» que procedia de Madrid manteve contacto com a torre do aeroporto e fora-lhe dada autorização para aterrar às 00.35.

Posteriormente, diversas pessoas viram a aeronave da Ibéria passar rente ao solo no sentido Leste-Oeste para, depois, desaparecer.

Entretanto as comunicações, cerca das 00.43, foram interrompidas definitivamente, calculando-se que o aparelho

caíra no mar a cerca de cinco milhas do aeroporto, embora nunca se tivesse sabido o local exacto do desastre.

Foram efectuadas buscas na zona do desastre, mas apenas foi possível encontrar várias cadeiras e almofadas que bóiam nas águas.

Foi este o primeiro desastre de aviação que enlutou a Madeira, causando a morte dos três tripulantes do avião espanhol, cujo corpo nunca foram recuperados.

A TRIPULAÇÃO DO AVIÃO SINISTRADO

A tripulação do avião sinistrado era constituída pelos seguintes elementos:

- comandante João Costa;
- operador de sistemas José Encarnação;
- chefe de cabines Paveia;
- assistentes de bordo Paiva, Carlos João, Alice e Varela Cid.

De referir que, por motivos que não foram possível apurar, o assistente de bordo Paiva embarcou a substituir o seu colega Wellington.

Entretanto, viria a confirmar-se que haviam sido os feridos do desastre os assistentes de bordo Maria Alice Basto Vieira e José Paiva Marques da Silveira.



Imagem patética de uma tragédia: populares retirando uma das vítimas que jazia inerte sobre os calhaus. À direita vê-se uma boneca. A sua dona, uma pequenita cheia de sonhos cor-de-rosa dela se separaria para sempre.

Eng. Ornelas Camacho UMA TRAGÉDIA INDESCRITÍVEL

Logo que soube do desastre ocorrido com o avião da TAP, o chefe do Governo Regional deslocou-se ao aeroporto de Santa Catarina, a fim de se inteirar da extensão da tragédia e tomar as providências que fossem necessárias.

Cerca das 03.30 horas da madrugada de hoje, enfeitado pelo Emissor Regional da RDP, o eng. Ornelas Camacho com a voz embargada pela emoção, disse que era uma tragédia indescritível como jamais se verificara na Madeira. Recordou, depois, a cena trágica dos cadáveres na praia de Santa Cruz, ali junto ao ribeiro.

E prosseguiu: «Estive em Santa Cruz, os mortos estavam a ser depositados na capela da Misericórdia e, segundo as indicações que temos, estão internados algumas dezenas de feridos no hospital».

Dizia ainda o eng. Ornelas Camacho que a secretária do eng. Manuel Alegria viajara no avião sinistrado e era natural que o próprio secretário regional para a Agricultura e Pecuária também viesse no mesmo aparelho, embora não houvesse ainda qualquer confirmação.

Disse também o chefe do Governo Regional que tinha chegado ao seu conhecimento que outros passageiros conhecidos vinham no mesmo avião, citando nomeadamente o sr. Luis Ribeiro e a esposa do administrador de Hospital, D. Vitor Fonseca, e Odório Homem de Gouveia, embora não soubesse ainda o que lhes acontecera.

SECRETÁRIO DE ESTADO DO TURISMO ENVIA MENSAGEM DE SOLIDARIEDADE AO POVO MADEIRENSE

LISBOA, 20. — O secretário de Estado do Turismo, Luis Filipe Madeira, enviou uma mensagem de solidariedade ao povo madeirense, dirigida por intermédio do ministro de República para a Região Autónoma da Madeira e do presidente da Assembleia Regional, cujo texto é do seguinte teor:

«Tendo tido conhecimento do trágico acidente ontem à noite ocorrido com um avião dos Transportes Aéreos Portugueses, ao aterrar no aeroporto do Funchal, apresento a V. Exas. a expressão da minha total solidariedade para com o povo madeirense, face ao sinistro que atingiu todos nós» — (Anop)



Nesta azáfama de destroços era impossível para não mais afectar, dentro do porto, entre eles. Era quase que... Uma vez mais, popula...

MORTOS NA CAPELA DA MISERICÓRDIA

Sob a orientação do Sr. Bispo do Funchal acompanha a actividade dos enfermeiros, médicos e bombeiros na reanimação dos passageiros com possíveis sinais de vida. Para evitar sobre carga de serviço e transporte desnecessário para o Hospital do Funchal, D. Francisco Santana, a pedido de um bombeiro, autorizou que os mortos fossem depositados na igreja de Santa Cruz. Entretanto, para não aliar o serviço religioso previsto para a manhã de domingo os cadáveres foram removidos para a capela da Misericórdia, junto à igreja matriz. A partir da 1-ª 50 da madrugada na ambulâncias e viaturas particulares, inclusivamente, fizeram a ligação entre a capela e o centro, pela estrada municipal. Populares levaram os corpos brancos e outros foram colocados em...

última hora

■ Não se confirma a existência na Armada de qualquer movimento contestatário ou de descontentamento por motivos de estar prevista, para breve, a promoção de alguns capitães de fragata, entre eles encontrando-se o conselheiro da Revolução Almeida Costa — sobranceiro do golpe bem informado.

■ No próximo dia 25 o Presidente da República deslocar-se a Tancos para uma cerimónia evocativa do «25 de Novembro», durante a qual concederá, a título póstumo, o tenente Oliveira Coimbra e o fuziel Santos Pires, ambos comandados e mortos durante a acção contra a Polícia Militar. Durante a mesma cerimónia, Eanes concederá o tenente-coronel Mota e Silva, na qual altura chefe de Estado-Maior da Força Aérea e que teve actuação relevante na concepção do golpe pró-comunista.

Por outro lado, espera-se que Eanes se dirija à Nação na véspera e que essa allocução possa, até, resultar de uma conversa na TV com seis jornalistas.

regional

COMEMORAÇÕES NO FUNCHAL DO «25 DE NOVEMBRO»

Dado o simbolismo, que representa para as Forças Armadas e para o País a data de 25 de Novembro de 1975, o general chefe do Estado Maior General das Forças Armadas (CEMGEFA) entende que a mesma voltasse a ser comemorada no presente ano. Desta forma, ficou decidido assinalar a passagem do 2.º aniversário do «25 de Novembro de 1975», com o seguinte programa:

— Cerimónia de âmbito nacional e de índole militar, com a participação dos três ramos das Forças Armadas, na Base Aérea de Tancos.

— Cerimónia de âmbito regional — e de índole militar — com a participação dos três ramos das F. A., na Madeira Funchal.

— Comemoração da data assinalada em todas as unidades militares, com a participação de uma comissão do Igar do Blandino Nacional, para a formatura geral, e leitura de uma mensagem do CEMGEFA.

No Comando, chefe das F. A. do Arquipélago da Madeira (OCFAAM) a cerimónia será referida ao lugar às 10 horas, do dia 25 de novembro, no Quartel do Grupo de Artilharia de Guerração, em São Martinho.

O PRESIDENTE DA C. M. MACHICO DEMISSIONÁRIO

Por razões que ainda não são do domínio público, apresentou o seu pedido da demissão do cargo de presidente da Câmara Municipal de Machico, o sr. Manuel de Freitas Sousa.

FESTA DO PESSOAL DO HOTEL MADEIRA SHERATON

Realiza-se hoje, pelas 20 horas, a festa do pessoal do Hotel Madeira Sheraton, comemorativa do quinto aniversário da abertura daquela unidade hoteleira.

BRIGADEIRO JOÃO ILHARCO SUBSTITUI O GENERAL DUARTE SILVA NO COMANDO MILITAR DA MADEIRA

Segundo notícia o jornal «O Dia», o brigadeiro João Ilharco deverá ser nomeado comandante das Forças Armadas na Região Autónoma da Madeira, substituindo naquele cargo o general Duarte Silva que, conforme foi oportunamente noticiado, vai chefiar a

Região Militar do Norte. O brigadeiro João Ilharco, que até há pouco tempo ocupou o cargo de director da Arma de Infantaria, é natural da Viseu, tem 54 anos e foi promovido ao seu actual posto de brigadeiro em 1973.

Refere ainda o mesmo órgão informativo que o brigadeiro João Ilharco é um oficial muito prestigiado, tendo frequentado diversos cursos militares, entre os quais os de Estado-Maior de Portugal e de Espanha. É autor de vários trabalhos e estudos de natureza militar. Comandou diversas unidades operacionais na guerra do Ultramar e da sua folha de serviços constam diversas condecorações e muitos louvores.

O brigadeiro João Ilharco deverá ser promovido brevemente a general.



EUSÉBIO NA MADEIRA

Confirma-se a chegada de Eusébio a esta cidade. Durante a sua estadia nesta ilha, assinalando o lançamento do «Pepsi» no nosso mercado. Eusébio, o grande ídolo do futebol português, para além de uma conferência aos órgãos de Comunicação, visitas a alguns estabelecimentos de ensino e à Delegação da Associação dos Barmen, estará presente na esplanada do Café Funchal já na próxima tarde.

LONDRES

Viagens de 4, 5, 7 ou 8 dias
Preços desde 3.980\$00
E MUITOS OUTROS DESTINOS

INFORME-SE E INSCREVA-SE

TRATAMOS DO SEU PASSAPORTE

STAR

ÚLTIMA PÁGINA DIÁRIO DE NOTÍCIAS FUNCHAL, 19 de Novembro 1977

Participação das Regiões Autónomas no processo legislativo

— JAIME GAMA PROPÕE ALTERAÇÕES AO REGIMENTO DA A.R.

O deputado socialista Jaime Gama acaba de apresentar à Assembleia da República algumas propostas de alteração ao Regimento incidindo exclusivamente no aspecto da participação das Regiões Autónomas no processo legislativo. Justificando as alterações — que serão remetidas à Comissão de Regimento e Mandatos — aquele deputado refere que «destinam-se a articular de uma maneira mais permanente a Assembleia da República e as Assembleias Regionais no exercício de um poder legislativo que a Constituição entre ambas partes».

Concretizando: «Com efeito, a alínea c) do n.º 1 do Art.º 219.º da Constituição atribui às Regiões Autónomas o exercício de iniciativa legislativa, mediante a possibilidade de apresentação de propostas de Lei à Assembleia da República. Por outro lado, o n.º 2 do Art.º 231.º da mesma Constituição estabelece que os órgãos de soberania exercerão sempre regulamentarmente as funções da sua competência respeitantes às regiões autónomas, os órgãos de governo regional, isto é, a Assembleia Regional e o Governo Regional».

Durante a primeira sessão legislativa, as Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira por várias vezes utilizaram o exercício da iniciativa legislativa. As propostas de lei enviadas à Assembleia da República carecem, porém, de uma fundamentação detalhada que só pode ser dada pela presença de representantes das Assembleias Regionais nas comissões parlamentares da Assembleia da República onde poderão expor os motivos ou as razões da iniciativa legislativa regional. O novo regimento de soberania, dignum e específico respeito às Regiões Au-

tónomas. Tal mecanismo de participação deverá, aliás, ser completado pela introdução do aditamento em anexo I, a acrescentar aos regimentos das Assembleias Regionais, por deliberação destas. Tal aditamento terá o seguinte teor: «O n.º 2 do Art.º 231.º da Constituição».

1. PROPOSTAS DE ALTERAÇÃO AO REGIMENTO

Art.º 85.º (Intervenção sobre assuntos de interesse local, regional ou sectorial)

2. Poderão igualmente ser marcadas pelo Presidente as condições previstas no número anterior, reuniões destinadas a intervenções dos Deputados sobre assuntos de interesse para as Regiões Autónomas.

Art.º 85.º (Entre o actual Art.º 87.º e 88.º) (Convite à Deputado das Assembleias Regionais)

O Presidente poderá, ocorrida a conferência dos grupos parlamentares, convidar deputados das Assembleias Regionais dos Açores e da Madeira a tomar parte na sala e usar da palavra designadamente nas sessões a que se refere o art.º 85.º na 2.ª

3 (Art.º 113.º e 114.º) O Presidente participará nos trabalhos previstos no número anterior, a solicitação das comissões e por iniciativa das Assembleias Regionais.

2. Os deputados das Regiões Autónomas poderão, no âmbito dos trabalhos previstos no número anterior, a solicitação das comissões e por iniciativa das Assembleias Regionais.

3. As diligências previstas neste artigo serão efectuadas através do Presidente da Assembleia, que tomará todas as providências no sentido de dar toda a conhecer às Assembleias Regionais, com a devida antecedência, a ordem de trabalhos, data hora e local das reuniões referidas no número 1.

Art.º 142.º (Entre o actual Art.º 141.º e 142.º) 1. A fim de dar cumprimento ao n.º 2 do Art.º 231.º da Constituição, as Comissões sol-

citaram parecer à Assembleia e ao Governo Regional dos Açores e da Madeira sobre os projectos de diplomas especificamente respeitantes a cada uma das Regiões Autónomas cuja aprovação seja da competência da Assembleia da República.

2. Se a Assembleia ou o Governo Regional da respectiva Região Autónoma não exibirem qualquer parecer no prazo máximo de sessenta dias a partir da data da expedição do ofício da Assembleia da República, considerar-se-á, para todos os efeitos como tendo sido dado cumprimento ao preceituado no n.º 2 do Art.º 231.º da Constituição.

3. Sempre que as circunstâncias o justifiquem por iniciativa da Assembleia da República ou a solicitação das Assembleias Regionais, deputados da Assembleia da República poderão participar, em direito a voto nos trabalhos das Comissões das Assembleias Regionais quando estas apreciarem projectos de diplomas a que se refere o número 1.

ANEJO I A introduzir no Regimento das Assembleias Regionais

(Participação de deputados das Assembleias Regionais)

1. A fim de dar cumprimento ao n.º 2 do Art.º 231.º da Constituição, e sempre que a Assembleia da República solicitar para as Assembleias Regionais, deputados da Assembleia da República poderão participar, em direito a voto nos trabalhos das Comissões.

2. A participação a que se refere o número anterior far-se-á por iniciativa da Assembleia da República ou a solicitação da Assembleia Regional.

aSSEMBLEIAS COMIÇIOES ReunioES

Da Cooperativa Povo Unido

Os sócios da Cooperativa Povo Unido deverão comparecer para uma assembleia geral, a realizar-se no dia 20 de Dezembro de 1977, pelas 20 horas, na sede da Cooperativa. A ordem de trabalhos consta do seguinte:

- 1.º — Informações;
- 2.º — Processo eleitoral 1977/78

A NOITE DE GALA A ENCERRAR NO «ATLANTIS» O III CONGRESSO NACIONAL DAS A. P. V. T.

Com um esplêndido jantar, servido em buffet, realizou-se na noite do último sábado, no Hotel Atlantis, em Agua de Pena, o último convívio — a larga escala — dos participantes no III Congresso Nacional das Agências de Viagens e Turismo. Muito sintomaticamente, aquela foi a sessão que registou maior número de presenças.

No vasto salão estabelecido em convívio entre os congressistas que já se conheciam. Os outros, abandonados à sua sorte (caso dos amigos aporistas) formaram pequenas tertulias. Caso para dizer que fôlhou o serviço de Relações Públicas do Congresso. Uma vez mais.

Um colega continental (do «Tempo») que tivera a sorte (?) de apertar uma mesa bem situada, atribuiu as falhas neste Congresso à parte madeirense ligada à organização do mesmo acontecimento. Maneiras de ver, que respeitamos. Mas pela nossa parte, atribuímos todas as culpas à Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo — entidade organizadora do Congresso — que, em tempo e horas, deveria ter organizado todos os momentos respeitantes a tão complexo evento.

De qualquer maneira, o Congresso terminou em beleza, no ambiente de festa onde, não obstante todos os anos, sempre comia que chegará para mais de 300 congressistas à continuação os intrusos que abandonaram para o repato. Parabéns, José Manuel Ribeiro, pelo ótimo serviço, tendo em conta a limitação do espaço e a entrada tardia dos congressistas para os salões.

O Presidente do Governo Regional, sr. Orlando Carneiro, fez presentes. Também esteve o Secretário Regional de Planeamento e Finanças, Director-Geral do Turismo, o Presidente da Câmara Municipal do Funchal, o Presidente da Delegação de Turismo da Madeira, entre outros.

O Grupo Folclórico da Camacha (expressivo o abraço de Silva Júnior — turismo aporiano — à decana do rancho) actuou ao fim do jantar, emprestando a alegria contagiante que sempre traz consigo a todos os congressistas. Que bairram muito expressivamente.

Aqui e ali, viu-se alguns rostos fechados resultado da guerra aberta provocada na manhã e tarde daquele dia, durante as últimas sessões do Congresso. Que deixou muita coisa no ar. Que abriu um canal para futura investigação (e ponderação) sobre a actividade de alguns organismos oficiais e profissionais do turismo português. A ver vamos se sai alguma coisa cá para fora e se os inquiridos recolherão à gaveta com o sorriso sarquiseiro.

Terminada a nossa presença no «Atlantis» e já de regresso ao Funchal pensamos se teria valido a pena o subúrbio de 250 centros que o Governo Regional da Madeira concedeu à A.P.A.V.T. para a realização deste Congresso e se, mais do que isso, o Congresso teria trazido alguma coisa de válido à ilha. Ponto. Também naquela grave laumã, apontada na última sessão (a dos aporistas) quando foi exposto, para o simpárico, o nome da I.T.I. que facultou o seu salão de congressos (o seu ótimo salão de nível internacional) e o seu hotel ao preço da chuva, suando apenas colaborar. Equipamento que acontece, por vezes, 85 desajustados saber-se, pressadidade.

Tudo voltou à normalidade. O Funchal está palco de muitos outros congressos e estará sempre de braços abertos para receber congressistas. De qualquer país.

J. A.

ABSURDOS QUE PREVALECEM

Incómodo ruído de motores potentes entravam, sem cerimónia, através das janelas escancaradas do nosso habitual porto de trabalho diário. A insistência e continuidade do bater dos pistões, da fricção das juntas e do vai-vém dos êmbolos chamou-nos a atenção para algo de intólito que se passava proximalmente, anomalia que logo pretendemos averiguar as causas que perturbavam a calma daquela hora que se aproximava do lúcco-fusc.

O ocidente tingido de púrpura em sumptuosa apoteose, apresentava-se para o fim da despedida ao astro-rei em queda lenta sobre a linha azul do mar.

Intrigados com a persistência do «ruído» daquela hora adiantada de tarde, aproximamos curiosos a ventania que cifa pró mar e verificámos que a intrínseca sonoridade se desprendia de dois motores de acção smatol, máquinas potentes que a eficiência e a modernidade da técnica põe ao serviço do Homem. Colocados em um pré-forma esférica ora recuada ora avançada, ergulam braços fortes e poderosos em todas as direcções, gesticulam como automat, remexendo sem critério, aparentemente toneladas de arrola do colhu ribeirinho, que se encostam à linha nacente do desembaradouro da cidade.

Alvorçados, julgámos que, enfim, se resolvesse eliminar a ruído clonca que leva ao mar purificador, os dejectos e imundícies do burgo funchalense. Mas — ô destituído — nada vimos que nos levate à confirmação da fustoição de que se estava a realizar um melhoramento de capital importância para todos nós e pelo qual já nos temos batido.

Mentes de seiver acumuladas em pirâmides, depressões profundas em buracos hirtos foi o que observámos em toda a parte decorrem nítidas sem contudo, afinarmos com a finalidade do trabalho que se segue seu curso com tamanho alarido. Para nós, nítidos, o trabalho é uma ideia, então que se trata de uma máquina extratora de areia dos fundos húmidos, material tão necessário à construção dos nossos dias, e que sempre não se encontra disponível. Idêis falaz que aborreu o lúcco-fusc, o ruído de motores vestido desse inerte, nem perto nem longe.

Símbolo limpa da riba, empurpada por toda a espécie de dejectos que a bunda polveira para terra no pendor da maré, também nos chamou a atenção, dado que o disco se espalhava a esteir nos laterais de superfície notavelmente.

Embarcados, após a impossibilidade de discernir a natureza do trabalho desenvolvido a certo ruído para a famigerada máquina, a não aborreu, mas transporta-se vicissitudes que as laterais despejam nos coloridos de vaso.

Com uma certa mente linda terra e desposto pelas suas gentes, verificámos que lá estava intalada imóvel a sua tona onaca o atoleiro insulubre que nem reflecta os derradeiros e obliquos raios do sol ncente. Mas, amora e naurabunda, que da população carrega à salubridade e delectos e os milés de motores e bombas, as ressumções de pus, pentos nungrenados e outros objectos íntimos que o recto escote com o simples preter da alavanca do auto-limpo. Chaga infamante que se esforça há tantos anos, no nolo do aboridena e ao espanto do forasteiro, em que o lono do tempo tivesse havido o cuidado de extirpar da cidade um cancro que se desfeia em pleno coração e a desvirtua aos olhares censurar dos que a ela vêm procurar bazeza despoluição e suaves emoções.

Quando se arquitectam planos e projectos para uma campanha válida de saneamento que abrangirá no seu amplexo benéfico todas as populações, por que se não lança um punhado de terra da nossa mal cuidada terra sobre uma pústula que a todos faz doer?

Simples limpa da riba, empurpada por toda a espécie de delectos que a bunda polveira para terra no pendor da maré, também nos chamou a atenção, dado que o disco se espalhava a esteir nos laterais de superfície notavelmente.

Embarcados, após a impossibilidade de discernir a natureza do trabalho desenvolvido a certo ruído para a famigerada máquina, a não aborreu, mas transporta-se vicissitudes que as laterais despejam nos coloridos de vaso.

Com uma certa mente linda terra e desposto pelas suas gentes, verificámos que lá estava intalada imóvel a sua tona onaca o atoleiro insulubre que nem reflecta os derradeiros e obliquos raios do sol ncente. Mas, amora e naurabunda, que da população carrega à salubridade e delectos e os milés de motores e bombas, as ressumções de pus, pentos nungrenados e outros objectos íntimos que o recto escote com o simples preter da alavanca do auto-limpo. Chaga infamante que se esforça há tantos anos, no nolo do aboridena e ao espanto do forasteiro, em que o lono do tempo tivesse havido o cuidado de extirpar da cidade um cancro que se desfeia em pleno coração e a desvirtua aos olhares censurar dos que a ela vêm procurar bazeza despoluição e suaves emoções.

Quando se arquitectam planos e projectos para uma campanha válida de saneamento que abrangirá no seu amplexo benéfico todas as populações, por que se não lança um punhado de terra da nossa mal cuidada terra sobre uma pústula que a todos faz doer?

Simples limpa da riba, empurpada por toda a espécie de delectos que a bunda polveira para terra no pendor da maré, também nos chamou a atenção, dado que o disco se espalhava a esteir nos laterais de superfície notavelmente.

Embarcados, após a impossibilidade de discernir a natureza do trabalho desenvolvido a certo ruído para a famigerada máquina, a não aborreu, mas transporta-se vicissitudes que as laterais despejam nos coloridos de vaso.

Com uma certa mente linda terra e desposto pelas suas gentes, verificámos que lá estava intalada imóvel a sua tona onaca o atoleiro insulubre que nem reflecta os derradeiros e obliquos raios do sol ncente. Mas, amora e naurabunda, que da população carrega à salubridade e delectos e os milés de motores e bombas, as ressumções de pus, pentos nungrenados e outros objectos íntimos que o recto escote com o simples preter da alavanca do auto-limpo. Chaga infamante que se esforça há tantos anos, no nolo do aboridena e ao espanto do forasteiro, em que o lono do tempo tivesse havido o cuidado de extirpar da cidade um cancro que se desfeia em pleno coração e a desvirtua aos olhares censurar dos que a ela vêm procurar bazeza despoluição e suaves emoções.

Quando se arquitectam planos e projectos para uma campanha válida de saneamento que abrangirá no seu amplexo benéfico todas as populações, por que se não lança um punhado de terra da nossa mal cuidada terra sobre uma pústula que a todos faz doer?

Simples limpa da riba, empurpada por toda a espécie de delectos que a bunda polveira para terra no pendor da maré, também nos chamou a atenção, dado que o disco se espalhava a esteir nos laterais de superfície notavelmente.

Embarcados, após a impossibilidade de discernir a natureza do trabalho desenvolvido a certo ruído para a famigerada máquina, a não aborreu, mas transporta-se vicissitudes que as laterais despejam nos coloridos de vaso.

Com uma certa mente linda terra e desposto pelas suas gentes, verificámos que lá estava intalada imóvel a sua tona onaca o atoleiro insulubre que nem reflecta os derradeiros e obliquos raios do sol ncente. Mas, amora e naurabunda, que da população carrega à salubridade e delectos e os milés de motores e bombas, as ressumções de pus, pentos nungrenados e outros objectos íntimos que o recto escote com o simples preter da alavanca do auto-limpo. Chaga infamante que se esforça há tantos anos, no nolo do aboridena e ao espanto do forasteiro, em que o lono do tempo tivesse havido o cuidado de extirpar da cidade um cancro que se desfeia em pleno coração e a desvirtua aos olhares censurar dos que a ela vêm procurar bazeza despoluição e suaves emoções.

Quando se arquitectam planos e projectos para uma campanha válida de saneamento que abrangirá no seu amplexo benéfico todas as populações, por que se não lança um punhado de terra da nossa mal cuidada terra sobre uma pústula que a todos faz doer?

Simples limpa da riba, empurpada por toda a espécie de delectos que a bunda polveira para terra no pendor da maré, também nos chamou a atenção, dado que o disco se espalhava a esteir nos laterais de superfície notavelmente.

Embarcados, após a impossibilidade de discernir a natureza do trabalho desenvolvido a certo ruído para a famigerada máquina, a não aborreu, mas transporta-se vicissitudes que as laterais despejam nos coloridos de vaso.

ORIGINAL COM DESFOCAGEM

TINTA REPASSADA
Bleed Through



A2
B3
A3
B4
A4
B5
A5
DOCUMENTO RASGADO
Tom Document



ENTREVISTAS EXCLUSIVAS COM:

Luiz Villas-Boas, organizador



Art Blakey, baterista



Raul Catão, crítico de jazz



CASCAIS JAZZ FESTIVAL DA JUVENTUDE

Durante três dias aconteceu jazz no Pavilhão de Desportos de Cascais. Num festival discutido. Como todas as coisas (mais ou menos importantes) deste País. Criticado exactamente porque aconteceu. A crítica se não tivesse acontecido. Morro por ter cão e morro por não ter.

Uma coisa é o festival que existiu, outra a cultura que não existe. Os concertos em Cascais e o jazz (que não existe) em Portugal. Se é pouco disfrutar, uma vez por ano, do contacto com grandes «jazzmen», a penúria do nada em todo o ano é pior. Apesar de tudo. Não que um festival seja muito. Ou seja tudo. É pouco. E este País, no campo cultural, precisa de muito. De quase tudo. E para isso é de facto necessário um trabalho constante. Persistente.

Ambicioso. No VII Festival Internacional de Cascais, por intenção dos seus promotores, Luiz Villas-Boas e Duarte Mendonça, com o maior ecletismo, numa função didáctica e na intenção de criar um sentido crítico, dar aos amadores de jazz presentes em Cascais oportunidade de ouvir as mais diferentes tendências de jazz. Abriu com George Duke preocupado mais com a quantidade que a qualidade de som. Oscilou entre um «rock-jazz» mau e «funky» escamoteado, recorrendo a «clichés» de fácil aceitação em público desprevenido. Que também havia. A confirmar pelos prolongados aplausos que lhe dedicaram.

Johnny Griffin, com enorme técnica de saxofone, foi mestre e contagiou a sua secção rítmica. Com qualidade, mi-

fica e criatividade harmónica pôs em êxtase os seis milhares de jovens presentes. Com talento que não víramos em Dusko Goikovitich e Sal Nistico.

No segundo dia, o português Rão Kiao tocou admiravelmente, com lirismo e força, com a maioridade que não têm ainda os seus acompanhantes. «Santos da casa não fazem milagre», mas o «set» de Rão foi um dos mais quentes e entusiasmados de todo o festival, pela sólida expressão rítmica e sonora definida.

Art Blakey, com pujança e vigor invulgar para os seus sessenta e tal anos, demonstrou, através da sua dialéctica, ser realmente um verdadeiro «professor» de jazz, sob as mãos de quem já passaram muitos dos músicos que hoje fazem «jazz». O «afro-americanismo» de Clifford Thornton regalou-nos, durante duas horas e o inolvidável Sammy Price, foi mesmo «rei do Boogie Woogie», fazendo penetrar a sua música em todos os milhares de pessoas com a mesma intensidade. Odeita, aos seus «blue», «work songs» e espirituais, imprimiu um ritmo e beleza só possível com a sua fantástica e cultivada voz.

Se Cascais Jazz aconteceu, deve-se a Villas-Boas e Duarte Mendonça. E não só. Também ao público. Milhares de jovens. Onde nem faltou a sua alegria e comunicabilidade, alguns caste com uns «fuminhos» à mistura.

Cascais Jazz, festival de juventude. Que não pode continuar a viver só, isoladamente como a ilha.

João Pestana (fotos) e Tolentino (texto)

REPORTAGEM



COM PATROCÍNIO DA



INTERVAL 

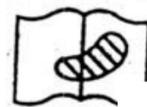
N.º 59

SUPLEMENTO DESTACÁVEL DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»

FUNCHAL, 20 de Novembro de 1977

TINTA REPASSADA

Bleed Through



BELEZA

perguntas & respostas

- De morena, posso passar a loira?
— Sim, se for morena-clara e ao fim de várias (progressivas) descolorações num bom cabeleireiro.
- Que posso fazer, ao maquilhar-me, para tornar as pestanas mais espessas?
— Passe primeiro a máscara, depois pó de arroz e novamente a máscara, aplicada em camada generosa.
- Como posso evitar ir pera a cama com a cara engorurada, se preciso de aplicar um creme?
— Conservando o creme só durante 20 minutos e tirando-o antes de deitar. Na maioria dos casos é suficiente.
- Entre lavagens, a minha franja, só a franja, fica oleosa. Que posso fazer?
— Um shampoo seco (spray) entre as lavagens.
- O pé de-arroz compacto seca a pele?
— Sim, se o usar diariamente, todo o dia. É muito útil para trazer na carteira para um retoque ocasional, mas em casa deve aplicar pó solto.
- Como se deve retirar a maquilhagem?
— Comece pelos olhos, com um produto especial; a seguir limpe os lábios, depois a cara, com creme ou leite, em movimentos rotativos e ascendentes. No final, use um tónico.
- É verdade que não se deve rapar os pelos das pernas?
— Sim. O bolbo do pêlo subsiste e dá origem a um novo pêlo, que frequentemente é ainda mais resistente e rijo.
- Como hei-de disfarçar as olheiras?
— Com um bâton especial (há várias marcas no mercado) num tom o mais possível aproximado ao da sua pele e levemente rosado.
- Tenho a cara redonda, como me devo maquilhar?
— Aplique nas faces, entre a maçã do rosto e o maxilar, um toque de pó em tom mais escuro.
- Uma dieta para emagrecer faz desaparecer a celulite?
— Não, se não for associada a um tratamento próprio para combater a celulite, que aliás é difícil de eliminar.



FRICASSÉ DE FRANGO COM AMÊNDOAS

Ingredientes: 1 colher de sopa de manteiga; 1 chávena de chá de cebola picada; 2 colheres de sopa (rasas) de farinha; 2,5 dl de caldo de galinha; 400 g de frango cozido, cortado às tiras; 1 dl de natas ou iogurte; 1/2 chávena de chá de amêndoas peladas e cortadas em tiras finas; sal e pimenta moída na altura q.b.

Ponha a manteiga a derreter numa caçarola grande e frite a cebola até estar transparente. Polvilhe a farinha e deixe cozer 1-2 minutos. Junte o caldo, mexendo bem. Acrescente o frango, as natas ou iogurte e deixe ferver em lume brando, durante cinco minutos.

Junte as amêndoas e rectifique os temperos. Sirva imediatamente acompanhado de massa (esparguete ou outro tipo) ou de arroz de manteiga.

ELECTRODOMÉSTICOS O PERIGO DE CHOQUE

Cada dia aumenta mais o número de aparelhos electrodomésticos existentes nos lares. Portanto, o perigo de choque está escondido por toda a parte. O primeiro cuidado a observar é usar só tomadas e interruptores que preencham todas as normas de segurança, isto é, feitos de modo a que as mãos não toquem em partes de tensão.

Em caso de acidente, ao socorrer uma pessoa atingida pela descarga eléctrica, deve-se ter bem presente que a primeira coisa a fazer é livrá-la, imediatamente, do contacto com a fonte de energia, pois quanto mais prolongado ele for menos possibilidades de sobrevivência haverá. Por isso, deve-se rapidamente desligar a tomada ou interruptor geral. Fora de casa, utilizar um pau ou um galho seco, uma corda ou uma peça de vestuário para emperrar ou afastar o acidentado do fio eléctrico. Não se deve tocar na vítima sem que esteja desligado o contacto com a corrente ou, pelo me-

nos, segurá-la com as mãos protegidas por panos secos ou papéis. O socorrista deve também procurar ficar sempre isolado do chão, com os pés sobre um banco ou uma placa de madeira bem seca, ou sobre panos ou cobertores dobrados, ou ainda várias camadas de jornais. São conhecidos casos de tentativa de socorro a sinistrados que resultaram no salvador, ignorante dos perigos, se tornar por sua vez em vítima.

Depois de ter feito isto, se o acidentado não respirar, deve proceder-se imediatamente à respiração artificial e, em caso de paragem do coração, à massagem cardíaca.

Quanto às queimaduras provocadas pela corrente, se existirem, serão cuidadas, em seguida, quando as condições gerais tiverem melhorado.

Não se deve deixar de chamar o médico, porque o choque, embora parecendo ligeiro, pode ter lesado órgãos internos.

ENTREVISTA COM ART BLAKEY

(Continuação da 5.ª página)

restaurantes.
— Esta cerveja é boa! É feita em Portugal? perguntou-me Blackey, e respondi-lhe afirmativamente, e logo a seguir disse-me: os portugueses fazem boa cerveja.

Agora foi a altura de Art Blackey me entrevistar.

— Você já esteve no Brasil?

— Não, nunca lá estive.

— Oh! Eu adoro o Brasil, e você também gostaria se lá fosse. Se você for à Baía encontrará o paraíso, eu juro, disse Art Blackey. Você tem que ir ao Brasil, é um lugar fantástico. É a coisa mais fantástica que vi na minha vida. Todas as coisas mudam no Brasil, eu tive muitas mudanças em mim mesmo, na saúde, no meu corpo, no meu espírito. O sol, a água, o mar, a música, tudo. Você que vá lá por dez dias e ficará seis meses, far-lhe-ia bem ao seu corpo e ao seu espírito, tudo se transforma nesse país. Eu juro, disse Art Blackey levantando o seu braço, em símbolo de juramento. Acredite e vá. O Rio de Janeiro com as suas praias, e a Baía, os dois melhores lugares que conheço. Meu amigo, é na Baía que eu quero passar o resto dos meus dias. «I swear!» Eu vivo em New Jersey, mas quero ter a minha casa na Baía. Não se esqueça de ir ao Brasil, meu amigo, insistiu Art Blackey.

Falei-lhe na ilha da Madeira, que era um paraíso também, e disse-me que não a conhecia, perguntou-me onde ficava, quantas horas de avião e se havia voos directos de Lisboa. Dei-lhe todas as informações que julguei úteis e Blackey mostrou-se interessado em conhecer a minha terra. Talvez, num futuro próximo, tenhamos aqui Art Blackey.

Já eram horas de jantar e

deixei Art Blackey, que ao se despedir deu-me um aperto de mão forte e franco e perguntou-me se eu ia assistir ao seu concerto dessa noite. Disse-lhe que sim, e que era a primeira vez que o via actuar ao vivo. Deu estrondosa gargalhada acompanhada de «Eh mana».

A caminho do Pavilhão, ao subir a rua estreita em quebras de zig zag, onde ia assistir nessa noite ao espectáculo fui pensando na personalidade de Art Blackey e a conversa que tinha tido com ele. Desde o momento em que lhe telefonei e prontamente desceu aceitando o meu pedido. Que interesse teria para ele esta modesta entrevista? Com toda a sua simplicidade, franqueza e honestidade, conversou comigo colocando-se sempre no mesmo pé de igualdade com os outros músicos e admirando-os. Lembrei-me ao mesmo tempo daqueles que em qualquer posição da vida não valem nada, cretinos, imbecis e vaidosos, que em situações destas se fazem rogados, muitas vezes fazendo esperar quem a eles se dirige, dando a si um ar de importância, que no fundo tanto precisam para sustentar os «pés de barro» do seu pobre talento. E, era ele, Art Blackey, que é considerado pelos bons críticos de Jazz, como o melhor baterista do mundo, e criador de estilo próprio e inconfundível, tão forte na sua personalidade, como no rufar da sua bateria...

J. P.

Villas-Boas organizador do Cascais Jazz

(Continuação da 3.ª página)

para o fácil, quando não têm preparação, mas quando lhes dão acesso como eu faço aqui em Cascais a reacção é bastante correcta. Aplaudem quando gostam, mas não são imbecis aplaudindo ao contrário, como dizem por aí tentando menosprezar o festival, o que é absurdo. Trago grupos de qualidade.

A mediocridade é uma constante neste país. Quando se sai desse nível imediatamente nós atacamos, preocupam-se muito com quem está em evidência, porque ganham muito ou pouco, etc. Não se preocupam com o leiteiro ou com o merceiro que se estão a encher agora como nunca. Eu continuo a ganhar o meu ordenado, sou trabalhador de uma companhia de aviação estrangeira, não vivo do festival. Faço a minha vida com o meu trabalho.

Nós, do jazz, não somos melhores mas somos diferentes. Há ainda hoje, por complexo de inferioridade, quem tenta menosprezar o jazz. É uma atitude sectária que não aceito de maneira nenhuma. O jazz atingiu uma universalidade total, deixou de ser de um povo para ser do mundo. Há em toda a parte, des-

de o Japão à Rússia. É uma linguagem universal, com criação espontânea. Está ao mesmo nível da música erudita, que por sinal atravessa uma grande crise. Depois há a música popular ligeira, o pop, o rock, a música de dança e de consenso, etc.

A terminar quisemos ouvir Villas-Boas sobre a possibilidade de realizar no Funchal um festival ou concerto de jazz. Uma questão que ele já aguardava, como confessou, e sobre a qual falou com entusiasmo:

— Essa é uma das grandes ambições de minha vida e não há nisso qualquer interesse material. Estou disposto a fazer um festival de jazz na Madeira com uma entidade — penso ser a Delegação de Turismo a mais indicada — completamente grátis. Nem precisam pagar-me as viagens, pois tenho facilidades neste aspecto, dão-me só os comes e bebês. Organizei o festival com multíssimo gosto, iniciando um ciclo que pode ser depois continuado.

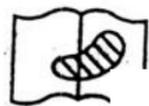
Se houver alguém nisso interessado, estamos às vossas ordens, digam como querem, quando quiserem, de que verbas dispõem. Teremos música conforme a verba.

Villas-Boas explica o porquê desta predileção pela Madeira:

— Tenho mais interesse pela Madeira do que pelos Açores donde vem a minha família. Estive dos 13 aos 15 anos, em 1937-39, na Madeira que considero a terra mais linda que vi na minha vida. E já estive em Hong Kong e Singapura, os sítios considerados mais bonitos. Voltei depois mais duas ou três vezes.

Meu pai esteve no Funchal. Era jovem e sentiu-se feliz. Teve romance muito lindo. Antes da guerra nós estivemos na Madeira, onde meu pai era capitão de artilharia. Fomos muito bem tratados. Compreendi os problemas que a ilha tinha, oxalá as dificuldades tenham sido superadas. A Madeira é de facto, um jardim como diz o Max, grande amigo meu e que ajudei a fixar-se no Continente, com o Menezes quando vieram a acompanhar Tony Amaral. O Carlos Menezes é um grande músico!

A terminar, recorda: — No hotel Bela Vista, em 1938 ouvi uma orquestra organizada por um inglês coxo e integrada por músicos madeirenses que nunca mais esquecerei. Era extraordinária!...



Villas-Boas organizador do Cascais Jazz

Sou muito eclético gosto de jazz de qualidade

— A vida não é de facto, infelizmente, um mar de rosas. Você vê que até o próprio país às vezes tem enormes problemas, colectiva e individualmente. Este festival considerado importante, é corolário de uma vida. Desde 1945 pensei dedicar-me à divulgação do jazz. Estive na fundação do Hot Club, por volta dos anos 50, sendo o sócio número um e ocupando a presidência várias vezes. Daí para cá estive na rádio, na televisão, escrevi até sempre com o mesmo objectivo. Finalmente em 1956 consegui trazer uma orquestra importante, talvez a mais importante embora não a melhor. A mais importante é a de Ellington e a melhor a de Basie. Foi sensacional nessa época sobretudo porque tinha na orquestra excelentes músicos.

Assim se nos apresenta Luiz Villas-Boas, um nome directamente ligado à divulgação do jazz em Portugal. A quem se deve o Festival Cascais-Jazz, este ano em sétima edição. Mas a sua vida não é (só) o jazz. Trabalhou na meteorologia e depois «voou» para uma companhia de aviação. Em jovem se dedicava à música clássica. A investigação no mundo do jazz começa imediatamente com a leitura de uma edição sobre o tema. E não pára. Porque «gosto do meu adorável país», porque «gosto muito de jazz». Neste momento encontra-se em Macau, a organizar o I Festival de Jazz de Macau, integrado nas Festas da Cidade. Propõe-se ao mesmo no Funchal. Se houver apoios, com a sua dedicação.

As dificuldades na sua concretização:

— Daí para diante pensei sempre fazer concertos, cujas despesas são enormes. Trazer uma orquestra envolve várias despesas: para os artistas, músicos que não tocam todos os dias (muita gente faz confusão quando se diz que um músico ganha duzentos contos num dia, esquecendo os dias que eles perdem em deslocações e ensaios); os hotéis (e eu prefiro que essas despesas corram por conta deles); o pessoal que transporta os instrumentos e técnicos de som, etc.. É uma máquina complicada. Além de tudo o mais, comecei a fazer festivais com o dólar à volta de 2500 e agora já passa de 4000. Isto tem os seus reflexos evidentes no preço, tendo também quase dobrado os transportes aéreos. Por exemplo viagem (ida e volta) Lisboa - Amesterdão, custava à volta de 7 ou 8 contos e agora ronda os 16 contos.

Tudo isto vem a propósito de a nossa posição não ser, de facto, ideal em alguns aspectos e acarreta uma série de despesas que torna a vinda de um músico muito cara. Aproveitamos quando está o em tournée pela Europa. Está fora de questão trazer os da América, porque os preços são totalmente proibitivos. Há um Festival que é muito rico, porque a cidade de Berlim e a televisão alemã entram com verba na ordem das dezenas de milhares de contos, para o qual mandam vir exclusivamente um avião cheio de músicos americanos. Isso ultrapassa-nos.

Para nós o ideal é quando vão ou vêm da América, fazê-los parar aqui. Mas nem sempre é possível, pois, por vezes, não coincidem com as datas que escolhemos. Em certas ocasiões vêm a Portugal de Amesterdão e seguem para Paris. A tal viagem dos 15 ou 16 contos por cabeça que multiplicada por 5 ou 6 músicos atinge os 100 contos. A partir daí incluídas as despesas de hotéis e dias parados, o «cachet» dos músicos não é tão fabuloso como parece à primeira vista.

Prosseguindo:

Nós estamos bem relacionados. Trabalhamos com o maior

copo. A grande maioria do público é jovem e consciente do que está a fazer. Até tem muito bom gosto musical. Tenho por eles muita consideração. Esses amigos simpáticos do jazz são o futuro.

Voltando ao Cascais-Jazz 77:

O nosso festival é mesmo ambicioso. Em cada um dos três dias actuaram três grupos, todos eles de prestígio. Nomes importantes, como o Freddie Hubbard, Johnny Griffin, Shelly Mame, Art Blakey, etc. Nós com estes músicos etc. Nós com estes músicos mana inteira, que é o que acontece lá fora, pondo a actuar um ou dois grupos por dia. Nós preferimos fazer assim. Uma coisa compacta que dizem que é uma indigestão.

E, justifica:

— É muito difícil arrastar seis ou sete mil pessoas, número necessário para um espectáculo deste género, sem uma grande movimentação publicitária e se não se catalizar o entusiasmo das pessoas. Apesar dos subsídios é preciso fazer uma receita de bilheteira bastante grande para cobrir as despesas, o que não é possível com mil ou mil e quinhentas pessoas. Vocês vieram da Madeira, mas há quem tenha vindo de localidades mais afastadas, desde Sevilha a Angola ou Moçambique. Movimentar as pessoas sem haver um grande espectáculo é muito difícil. Para assistir simplesmente a um concerto de um músico as pessoas não se deslocam. Além de que eu não sou profissional, trabalho em aviação, e faço isto com muito amor, porque gosto muito de jazz.

O festival tem estas características por estas razões. Eu gostaria de fazer muitas outras coisas, de vez em quando um concerto, mas isso não é viável se não houver uma entidade financiadora ou um grande subsidiador para cobrir o déficit que existirá naturalmente. Vejamos: um grupo 200 contos, 100 contos de pu-

blicidade, e para despesas gerais 100 contos totalizam 400 contos. Para realizar esta verba num concerto realizado num cinema com mil e quinhentos lugares, pois numa sala maior não enche, terá que pôr os bilhetes numa média de 300 escudos. Só se poderá descer o preço das entradas, permitindo que o concerto seja acessível a maior número de pessoas, se se contar com subsídios. Nós felizmente temos o patrocínio que nos interessa, não dos bancos a que tivemos que recorrer há anos, mas sim de entidades oficiais como a Direcção-Geral da Acção Cultural, a Direcção-Geral do Turismo e a Junta de Turismo da Costa do Sol pois é aqui que se realiza. Estes organismos ajudam e tornam possível o festival, não o fazem, mas participam com uma parte do dinheiro necessário. Dá muito sofrimento conseguir a restante verba, passam-se muitos sustos até movimentar tanta gente e para controlar isto de modo a que, durante estes sete anos, não tenha acontecido nenhum problema grave. Isso cansa-me, mas faço com muito gosto. Gosto muito do meu adorável país. Vivo cá porque gosto. Poderia viver na América e ganhar três vezes mais. Não é uma questão de altruísmo, mas de opção.

Sobre o critério seguido pela organização na escolha dos músicos participantes, Villas-Boas esclareceu:

— É uma questão pertinente de jazz de qualidade, independente. Sou muito eclético, gosto de todo o estilo. Desde 1942 que tenho ouvido jazz e gosto desde o início, anos vinte, com Louis Armstrong, depois do «swing», do Bob nos anos 40-50. Surge agora o jazz de vanguarda em que há vários problemas mas há bons músicos. Não é sobre esses grupos em estágio experimental que eu concentro as minhas atenções. Como estão numa fase de evolução e escolho os melhores porque acho que devo mostrar. É o caso do Clif-



ford Thornton. Trago músicos de todos os géneros, desde que tenham qualidade, evitando repetições e optando pela diversidade de estilos. Depois as pessoas poderão fazer as suas opções, em plena consciência, e não à anterior como acontece com certos «auto-denominados críticos».

Temos que ter acesso directo. A música de jazz tem que ser consumida ao vivo, por ser de criação espontânea. O artista é o compositor. Eis a razão porque já estiveram aqui grandes nomes do jazz. Estou a tentar recuperar o tempo perdido, pois em Portugal o jazz começou a ser apresentado ao vivo muito tarde, nos anos 50.

Normalmente baseamo-nos no empresário americano George Wean, organizador do Festival de Newport que trazia em Novembro dez ou doze orquestras e escolhia-se meia dúzia a que se contava outros arrançados por nós. Havia já uma boa escolha porque ele só arranja grandes músicos. Agora ele acabou com a tournée em Novembro e faz um grande festival em Nice, em Julho. Nós ficámos com um problema de selecção. Já nem queria trazer ninguém este ano mas tanto insisti que cá veio o Shell Mame com Leo Kowitz, a Odette, o Sammy Price e o George Duke. Os outros grupos tiveram que ser contactados por nós. Felizmente que havia orquestras em digressão pela Europa como a Freddie Hubbard. Este é talvez o mais importante do Cascais 77, com o Art Blakey e o Shelly Mame, também importantíssimos. E daí que eu digo que este festival é muito homogéneo e que todos os dias tem grandes nomes. Eis o critério.

Possivelmente terei que mudar para Julho porque nesta data haverá maior possibilidade de escolher por se realizarem vários festivais na Europa. Dada essa grande movimentação de artistas poderéi fazer uma melhor escolha.

Da música que teve como berço a severidade do Código da Escravatura americano, disse

— O jazz é uma maneira de viver, os «jazz-men» têm uma personalidade muito característica. Gostam de coisas que não são do agrado geral, o que origina por vezes uma segregação. Os normais, como lhes chamamos, gostam de coisas pirosas, feitas a metro. Como quem faz chouriço: metem uma cantora toda bem vestida de um lado e sai, do outro lado, um disco piroso.

O nosso nível cultural é baixo. O país sofreu muitos anos de obscurantismo. Há quase 50 por cento de analfabetos. As pessoas não têm culpa. Gosto muito do meu povo, e não aceito o insulto que se faz à inteligência dos nossos cidadãos, quando se os considera todos atrasados mentais. Há uma tendência

(Continua na 2.ª página).



Pelo CASCAIS-JAZZ passaram, ao largo destas sete edições, grandes nomes como Miles Davis, Ornette, Coleman, Dexter Gordon, Gerry Mulligan, Paul Desmond, Elvin Jones, Cannonball Adderley, Roland Kirk Sarah Vaughan, Duke Ellington, Woody Herman, Roy Haynes, Gary Burton, Joe Henderson, McLoy Tynner, Charles Tolliver, Gato Barbieri, B. B. King, Dizzy Gillespie, Gil Evans, Betty Carter e tantos outros.





No intervalo de um dos concertos, durante o «Cascais-Jazz 77» encontrámo-nos com Raul Calado. Sobre este festival disse:

— As pessoas não podem ser contra um festival de jazz desta envergadura. Sou a favor. Mas as pessoas têm que criticá-lo. Supunhamos que em Portugal nunca havia futebol e uma vez por ano tinha-se a final da Taça de Portugal entre o Benfica e o Sporting. É evidente que não poderia censurar este desporto. Mas, por outro lado, também não se poderia afirmar que havia futebol em Portugal. É fundamental que o Brevista jogue com o Marítimo. Tem que existir as pequenas equipas, os Marinhenses, os Marítimos, os Farenenses. Do facto de existirem essas equipas que jogam durante muitos domingos é que resulta a existência do futebol em Portugal. Como existe em Espanha, Inglaterra ou na Alemanha.

É justificando este exemplo:

— Haver em Portugal, como existe, durante três dias um grande acontecimento a que vêm grandes nomes, mas não haver mais nada, nem contactos com a música, nem com os músicos e depois, de repente, este festival... Isto não corresponde a uma realidade. É um sonho durante três dias. Agora vamos esquecer todos o jazz e esperar pelo próximo, em Novembro de 1978...

No nosso país quase nem existe jazz. Há cem ou duzentas pessoas que gostam muito de jazz, em geral, indivíduos de grandes cidades. Talvez o Funchal seja das cidades onde existe maior número... Mas as pessoas estão desorganizadas, apesar de todas as coisas exigirem um mínimo de organização. É fundamental que as pessoas ao ouvirem discos — alguns até de que não vão gostar logo de imediato — façam perguntas, discutam para, pouco a pouco, aprenderem uma linguagem e a distinguir aquilo que é bom do que é mau. Isto que é verdade para o jazz, é-o também para o cinema, para o teatro, etc. As pessoas devem conversar. Um dos hábitos que menos temos, em Portugal, é de conversar sobre qualquer assunto. Pertencemos a uma geração de pessoas em que os frequentes irmos a determina-

Raúl Calado, crítico Tony Amaral, Carlos Menezes, Max e Helder Martins (um grupo de excelentes músicos madeirenses) fizeram a música portuguesa progredir

Nascido em Maio de 1931, Raul Calado licenciou-se em Ciências Geológicas. Durante dois anos foi professor no Liceu Gil Vicente. Depois publicidade, como executivo de contas e redactor publicitário, sucessivamente em algumas empresas e desde Dezembro de 1971, director-geral da Cinevoz. Ainda neste campo leccionou no Instituto de Novas Profissões (tecnologia da publicidade e redacção publicitária). Entretanto, e pelo meio de tudo isto, sócio fundador do Cineclub Universitário de Lisboa, sócio n.º 1 do Clube Universitário de Jazz (fechado em 1961 por ordem do então reitor Marechal Castano), secretário-geral do Hot Clube de Portugal

Durante 8 ou 9 anos produtor do «Tempo Jazz», na antiga Emissora Nacional, cobrindo duas meias-horas por semana.

No campo do Jazz fez centenas de palestras em sítios tão diferentes. Na música portuguesa e de parceria com José Duarte criou e editou os discos do «Popfado», tentativa de orquestras e vivificar a nossa música ligeira. Em Julho de 1974 foi o representante de Portugal no Júri do Festival de Cannes.

Ao contrário do que pensa muita gente, a «Cornélia» é apenas um acidente na vida de Raul Calado. Dedicado sobretudo, ao Jazz e à publicidade. Por razões diferentes:

do café e discutimos os mais variados temas. É brutalmente importante discutir o trigo no Alentejo, a beterraba nos Açores ou as flores na Ilha da Madeira. É a falar que a gente se entende e que se aprende de coisas. O jazz aqui é um dos assuntos que se pode discutir, em grupo, com os amigos. Há discos, gravações que se podem ouvir, discutir e aprender.

O ambiente dum festival é o contrário disso. Somos apenas espectadores a ouvir umas vedetas a tocar e estamos todos separados. Torna-se fundamental, até para o futuro

é pouco. Antigamente foi muito. Era realmente o meu hobby, em que gastava todo o meu tempo livre. A maior parte dos cabelos brancos que tenho foi causada pelo jazz. Durante muitos anos fiz palestras sobre esta música, em toda a parte até na cadeia de Linhó, onde se encontram criminosos de delito comum condenados a prisão maior. Com muita frequência dei-me às duas ou três horas da madrugada para depois levantar-me a tempo de trabalhar logo pela manhã.

Com outras pessoas fundamos o Clube Universitário de

Jazz, talvez o maior de Mundo, com 1700 sócios. Nunca gabei com estas actividades de abeiro nenhum. Exclusivamente nas idas a Abrantes ou a outras localidades era eu quem pagava a gasolina. A única coisa que recebi foi quando na Emissora Nacional, produzia duas meias horas semanais e pagavam-me 150 escudos por emissão. Mas devo dizer-lhe que para o programa tinha que ir muitas vezes buscar discos a Cascais, onde há um grande colecionador de obras de jazz e, com os gastos da gasolina, dava-me prejuízo.

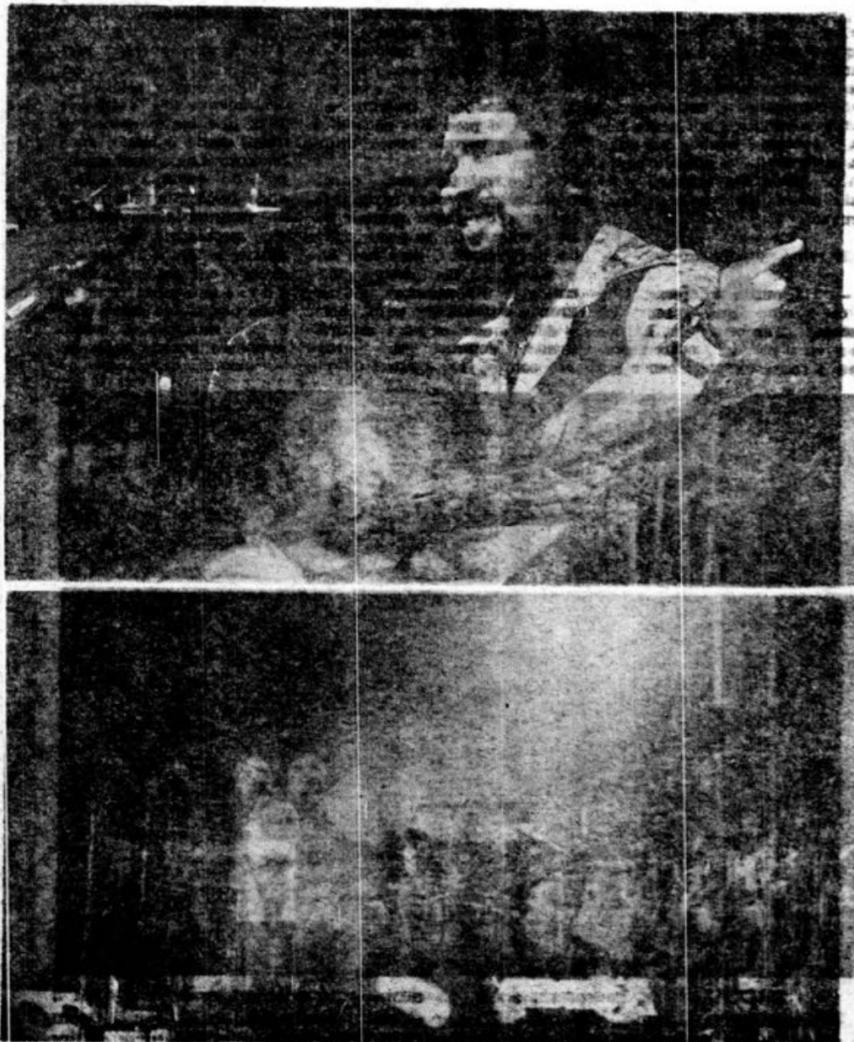
Como gostava muito de jazz, tinha um grande desgosto que as pessoas, minhas amigas ou desconhecidas não entendessem o jazz. Dava-me tanto gozo que pretendia que isso se estendesse às outras pessoas.

Ultimamente a minha vida complicou-se um pouco. Sou o director de uma das maiores agências portuguesas de publicidade. Tenho 45 pessoas que dependem de mim. Pelos meus muitos afazeres deixei de ter tempo livre para me dedicar ao jazz. Hoje em dia, neste aspecto, sou um indivíduo desactualizado. Depois do 25 de Abril surgiu uma crise na publicidade e tenho que ajudar a salvar a empresa e garantir o emprego àqueles trabalhadores.

É sobre o Jazz, agora, em Portugal:

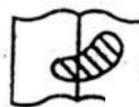
— Pelo menos o público hoje em dia parece-me maior, não o «auditorium» de verdadeiros amadores e conhecedores. Não há dúvida que os festivais de Cascais, trazendo seis ou sete mil pessoas, cada noite, abrem o público que viu o que noutros tempos não se teve oportunidade de ver. É natural que, entre esta juventude, nasçam verdadeiros amadores de jazz.

Há uma coisa muito promissora em Portugal: acabámos de ouvir Raul Kiao acompanhado por três excelentes músicos, existem mais outros também de grande valor e neste momento o Hot-Club. Mas de que nem sou sócio e, portanto, não estou a elogiar o



RÁO KIAO (em baixo) — incontestavelmente o melhor músico português de jazz. GEORGE DUKE (em cima) — o número de decibéis nos seus ouvidos que a aparelhagem era cética.

(Continua na 6.ª página)





Art Blakey, bateria RECEBI E TENHO INFLUENCIADO MUITOS GRUPOS DE JAZZ

grupos de jazz, o que pensa dos meus amigos eram muito mais novos do que eu.

— Ora, eu não gosto de me engrandecer, mas penso que Art Blakey e os Jazz Messengers têm influenciado muitos grupos de jazz, assim como recebi muito de Charlie Parker e Thelonious Monk, estou certo que dei muito aos grupos de Rock e os Jazz Messengers. Isso aconteceu em todo o mundo. Muitas das estrelas do Rock de hoje vieram do Jazz. Sinto orgulho por Red Nicolson, grande argumentista do cinema e televisão veio dos Jazz Messengers. Sinto-me muito orgulhoso por todos eles, hoje grandes estrelas no mundo, que vieram do jazz do meu grupo.

Eu sou fisicamente forte, e de grande sensibilidade, e tento controlar essa força física. Tenho 63 anos e sinto-me como tivesse 26. Eu gosto das

vez Blakey e deu nova gargalhada. Na América poucas pessoas o conhece. Se você perguntar por Louis, não sabem quem é, e são capazes de lhe dizer: será o presidente? Não o conhecem, não sei porque. Sabe, a América é um país rico de vida fácil, há muito de tudo, comida, todas as coisas, tudo é fácil e as pessoas não se preocupam com isso porque são preguiçosas. Há de tudo com fartura e isso faz mal às pessoas.

— Isso não é maravilhoso, retorquiu Blakey, você já teve algum problema por ter amigos mais novos?

Não Art Blakey, o que é preciso é sentirmos essa juventude.

— Você está 100% certo (sublinhou com estrondosa gargalhada) 100% certo!

Nesta altura aproximou-se Valeria Ponomarev, seu trompetista, que Art Blakey nos apresentou.

O que é que você pensa deste «Cascais-Jazz 77»?

— É uma coisa maravilhosa. Encontrei aqui muita gente que gosta de Jazz honestamente, o que às vezes não encontro noutro lado. Fiquei de verdade desapontado em Paris, a esse respeito. Vocês têm aqui em Portugal, bons músicos de jazz. Eu conheci um rapaz que o pai tinha um restaurante, há anos. Era um bom baterista, tocava num club num grupo de Rock, não me lembra o seu nome. Eu fiz há pouca uma viagem à União Soviética e encontrei muita gente que gosta de jazz, sabe que um disco «long-play» custa 50 dólares.

Eu sou grande admirador de Louis Armstrong, Duke Ellington, infelizmente já mortos.

— Louis Armstrong? perguntou-me Blakey. Fantástico! Eu gostaria que ele estivesse aqui hoje, frison Blakey. «Fantástico man». Você gosta de Louis, inquiriu outra

vez Blakey e deu nova gargalhada. Na América poucas pessoas o conhece. Se você perguntar por Louis, não sabem quem é, e são capazes de lhe dizer: será o presidente? Não o conhecem, não sei porque. Sabe, a América é um país rico de vida fácil, há muito de tudo, comida, todas as coisas, tudo é fácil e as pessoas não se preocupam com isso porque são preguiçosas. Há de tudo com fartura e isso faz mal às pessoas.

Na América há muitas facções e o povo pensa de maneira diferente, isso é uma das razões. Sinto-me desolado por eles não serem conhecidos na sua terra.

Art Blakey, para si quem é a figura máxima no mundo do Jazz na América?

— Eu penso em Thelonious Monk, Miles Davies, Dizzie Gillespie, estes são os Jazzmen do «Top», mas os americanos não o sabem.

Porque é que na América não são conhecidos os Jazzmen?

— Talvez por falta de publicidade. Quando estes grupos tocam em clubes, onde muitas vezes as pessoas se embriam, e depois há sarilhos, vem a polícia e leva toda a gente para a esquadra, então os jornais falam que esses tipos que foram presos estavam num clube onde estava a tocar Art Blakey, ou Dizzie Gillespie.

Art Blakey chamou-o e empregado e perguntou-lhe se já tinha café ou sandes, este disse-lhe que dentro de dez minutos já podia ser servido no

(Continua na 2.ª página)

Deixei o Pavilhão dos Desportos de Cascais, onde se fazia uma grande preparação para o espectáculo desta noite. A atracção era Blakey. Desde então estendiam-se pelo chão, ensaiavam-se as câmaras da Televisão e Cinema, e os grandes projectores em jorros de luz apagavam-se e acendiam-se, inundavam o estrado, onde o espectáculo desta noite se ia desenrolar. Gostei em ver e ver constantemente ultimava todas as coisas.

As saídas, atravessando a praça, que no luso-fuso, tinha um aspecto feio. Os amadores de Jazz, dirigiram-se já para o Pavilhão, e alguns amentavam-se em redor dos assadores de castanhas que lançavam fumo em espirais contorcidas pela aragem fresca, que também bella com as ramagens das árvores.

Descei a rua estreita, em quebras de zig-zag, cruzando-me com grupos de aficionados de grandes cabeleiras, sa-marras felpudas e cachecóis que pendia, em pontas longas, até aos joelhos. A rua estreita encanarava-se no largo em frente à baía, onde a agonia do dia se fazia sentir, e o mar mordida a praia em cheiro de maresia. O céu, em tons de laranja e violeta, e o mar, onde as luzes que há pouco se acenderam eram abafadas pelo escarlate do poente esborrando as suas costas e molhando-lhe as orelhas.

No chafariz do hotel esperei por Art Blakey. Tinha-lhe telefonado e dissera-me que desera já. Dentro de cinco minutos Art Blakey apareceu. Fui ao seu encontro e apresentei-me. Art Blakey deu uma gargalhada, como o refrar da sua bateria, que enchia todo o chafariz, e num aperto de mão forte e franco, disse: «Allô, mana».

Art Blakey é um homem de estatura mediana, entroncado, cabelo grisalho, e nos seus sessenta e três anos, transbordava uma vivacidade e juventude que me espantaram, mas ao mesmo tempo não me surpreenderam. A sua jovialidade era contagiante e as suas gargalhadas e falar gutural repercutiam-se por toda a parte onde fomos. Ao perguntar o que queria beber, respondeu-me imediatamente: «café», mas segundo informação de «woman», não havia café nesse momento, e retorquiu-me: «hear that's right». Nova gargalhada surgiu, acompanhada, novamente, de suas expressões contagiante de juventude.

Preveniu-me, logo, que ouvia pouco do ouvido esquerdo, devido à prática de «surf» na Califórnia, na qual tivera um pequeno acidente, e a seguir qualificou esta prática desportiva de «agrotour».

Art Blakey vai ser pianista antes de tocar bateria, porque mudou?

— Eu tocava com Earl Gardner, e numa noite no club onde actuava, o gerente disse-me: Blakey, você vai tocar bateria, e respondi-lhe, ok, e comecei a tocar bateria.

Há quanto tempo foi isso?

— Oh! Meu Deus, há muito tempo, aí por volta de 1934.

Blakey, você deve ter sentido o recebido influência de outros homens de jazz?

— Sim. Com certeza. Chick Webb, Sid Catlett, Chick Clark, toda a gente sabe coisas dos outros, os melhores muito mais. Mas a influência foi influenciada por Charlie Parker, Thelonious Monk,

Dizzie Gillespie. Julgo que estive a ser sincero. Descobri muitas coisas com eles, em especial com Thelonious Monk.

O que pensa de Thelonious Monk?

— Thelonious Monk, gregu, para mim é um grande músico. Sim, com certeza é um grande músico.

Blakey, você é o melhor baterista, segundo os críticos, o melhor entre todos.

— Quem? Eu? (Blakey soltou grande gargalhada). Eu gosto da gente como você, disse-me, mas houve melhores do que eu, e eu recebi muito deles.

Art Blakey, deve o seu sucesso ter influenciado outros

PATROCÍNIO



pessoas, e de conviver; eu considero homem um indivíduo de 13 anos, porque penso que é um homem, e respeito-o como tal. Muitas vezes dizem, você, é doutra geração. Eu, nunca tive esse problema. Todos crescemos e envelhecemos, mas a gente envelhece na altura própria.

Eu, disse a Blakey, que não o sentia velho, e que muitos



Sheila Escovedo e Sharon Hendrix, vocalistas do Quinteto de George Duke, ajudarão o público a balancear o corpo ao nível dos ritmos que pairavam



ORIGINAL COM DESFOCAGEM

A3
B4
A4
B5
A5
A5
B5
A4
B4
A3

RAUL CALADO

E «A VISITA DA CORNÉLIA»

(Continuação da 4.ª página)

meu clube — tem uns quinze tipos que andam a ensaiar todas as semanas para fazerem uma grande orquestra e muitos outros a aprenderem desde o solfejo à música erudita para tocarem jazz. Todos estes, estou certo, virão a ser excelentes músicos se não se dispersarem entretanto. Cito, como exemplo, nomes do Fernando Costa, contrabaixista; Luís, estudante de Medicina e do Conservatório, flautista; do Rufino, viola, que com outros darão excelentes instrumentistas. Começam a surgir jovens com valor que estão mesmo a estudar e cujo futuro é promissor se lhes derem oportunidades.

Estou cheio de esperança. Com alguns deles ando a tentar fazer algo pela música portuguesa, para que esta progrida. (É evidente que isto nada tem a ver com o jazz). Uma das alturas em que a música portuguesa progrediu — e isso eu agradeço aos madeirenses — foi quando apareceram aqui, em Lisboa, o Tony Amaral, o Carlos Menezes, o Max, o Helder Martins, etc. Foi um grupo de músicos que, por serem excelentes, fizeram a nossa música ir para diante, apesar do ambiente não lhes ser muito favorável e da música portuguesa da época ser muito má.

Foram sonda puderam. Não me posso esquecer destes madeirenses pelo seu válido contributo.

Neste momento está-se a fazer uma nova geração de músicos que, efectivamente, terá consequências na música portuguesa. Vamos continuar a ter fado, mas mais bem tocado, com novos acordos, mais complicados. Os músicos saberão mais música, tocarão melhor.

Para muitas das pessoas, entre nós, Raul Calado é apenas um jurado da televisiva «Visita da Cornélia».

— Só aceitei ser jurado da Cornélia porque me deram o regulamento para ler e achei que poderia ser um concurso efectivamente interessante, porque me disseram que cada um dos jurados tinha, não o direito mas a obrigação, de justificar em trinta segundos os pontos que dava. E ao nos escolherem, pediam-nos que tentássemos ser didácticos.

Devo reconhecer que falhei algumas vezes. É uma auto-crítica. Deveria ter sido capaz de ensinar muito mais do que ensinei. Tenho muita pena de não o ter feito. De qualquer forma aceitei para tentar transmitir alguma coisa. Infelizmente grande parte da crítica, muitos dos homens que escrevem nos jornais, não compreenderam isto. Não entenderam a nossa missão, que nós estávamos ali para que as pessoas diferenciassem uma boa duma má dança, uma má duma boa canção, um bom

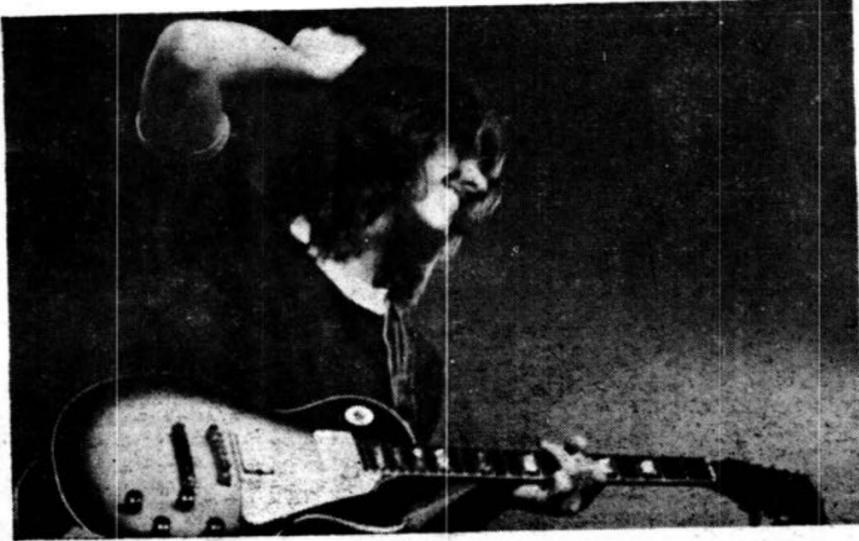
dum mau texto. Nem sempre fui capaz disso. Em trinta segundos, de imediato, é muito difícil. Vejo a apresentação ao mesmo tempo que os telespectadores, não as vejo antes. Até algumas vezes, passado algum tempo, em minha casa, discordo da minha própria posição.

Para mim o fascínio da «Cornélia» é a surpresa em que os telespectadores permanentemente estão, perante aquilo que vai ser a opinião de cada jurado. Se essas opiniões conseguissem ser sempre muito educativas, a «Cornélia» teria sido um programa magnífico, como talvez nunca tivesse havido na TV portuguesa. A nossa inexperiência, o nosso nervosismo, a rapidez com que temos que fazer uma crítica obriga muitas vezes a que elas sejam imperfeitas. Talvez com um júri mais competente que nós somos, aquele programa poderá vir a ser muito influente junto das pessoas. Não estou a falar sob o ponto de vista político. Estou-me nas tintas para a política, não estou em nenhum partido.

Este País só pode ser uma democracia no dia em que o povo português tenha um mínimo de discernimento sobre todos os assuntos. As pessoas têm que se habituar a pensar sobre uma canção, sobre um texto ou sobre um partido político antes de votarem nele. Só assim é que eu posso acreditar na democracia em Portugal. As pessoas não podem votar num partido porque está lá o senhor-fulano-de-tal, mas sim porque creem que esse partido apresenta a melhor solução para a sua vida.

Foi isto que tentámos: que as pessoas se habituassem a aplaudir um texto, uma canção ou uma quadra porque... Porque tinham uma razão para isso. É evidente que muitos concorrentes fizeram política no programa. É normal, tratando-se de pessoas amadoras — que podem ser comunistas, ou CDSs, ou monárquicas — que elas exprimam as suas ideias. Mas independentemente da ideologia, aquilo que tentei fazer perceber é que essas ideias poderiam ser expressas bem ou mal, apesar de não nos identificarmos com elas. Expressar conceitos socialista merece essa pontuação má não vale 15 pontos, mas fazer um belo poema socialista merece essa pontuação. Por outro lado, um belo poema monárquico pode valer esses mesmos pontos.

A sociedade portuguesa, os portugueses estão tão divididos entre campo e cidade, norte e sul, continente e ilhas, que realmente as pessoas, se não são socialistas, tendem a atribuir zero aos socialistas. E vice-versa. Não deveria ser assim. Se aparece um homem de direita a fazer uma óptima poesia, também pode valer 15 pontos. Embora as pessoas



possam estar ou não de acordo, que é outro problema. A qualidade literária, musical ou plástica deve ser analisada independentemente.

Mas a classificação, por vezes, como no ensino, pode não traduzir a qualidade...

— Claro que sim. Neste programa não deveria haver números. Se os houvesse deveria ser na escala 0 a 20, a que estamos mais habituados. A «Cornélia» não deveria ser um concurso. A RTP deveria abrir as suas portas a todos os portugueses que desinibidamente lá quissem ir cantar, dançar, recitar, etc. A todos os que tivessem sem um mínimo de jeito, apurado talvez numa pré-selecção. Não para fazer concursos e ganhar dinheiro, mas para que as pessoas melhor se conhecessem e manifestassem as suas aptidões. Julgo que foi uma experiência fascinante ver quantas pessoas em Portugal eram capazes de fazer determinadas coisas, desasombradamente, perante tanta gente.

«Cornélia» em programa que gerou controvérsia. Em tempo há também «Gabrielas» é, para alguns, um «caso» nacional...

— Não sei se aquele programa tem todos esses aspectos negativos que certa imprensa lhe atribui. Julgo que do público propriamente dito ainda não encontrei essa reacção. Há evidentemente 30 ou 40 pessoas que escreveram a insultar-nos e há 4 ou 5 jornais que nos insultam sistematicamente. Contactei, com certeza, na rua, dezenas de milhares de pessoas e nunca fui insultado por ninguém. Não tenho a certeza se as opiniões negativas expressas têm algum significado... De qualquer modo.

Que os portugueses neste momento estão sectariamente divididos, não tenho dúvidas. Eu acredito que exemplo, numa aldeia de Trás-os-Montes, Algarve ou Madeira as pessoas que estão a ver a televisão, em conjunto, classifiquem o concorrente A como sendo comunista, o senhor B como sendo PPD, etc. As pessoas «têm» de ser classificadas... Há quem não entenda que se pode gostar de futebol, gostar de ver o Benfica ou a Ajax jogar bem futebol e não se ser do Benfica ou do Ajax. Não

é obrigatório também que as pessoas estejam filiadas num partido. Realmente os portugueses têm, actualmente, o hábito de meter a malta toda dentro de gavetas. Há uma gaveta de comunistas, outra de socialistas, uma outra de social-democratas, ainda outra de fascistas, etc.. Isto não é obrigatório. Há excelentes pessoas que são de esquerda e que não querem fazer mal nenhum a ninguém.

Da experiência colhida em «A visita da Cornélia» — e não só — Raul Calado dá-nos o toque para programas futuros:

— Devo esclarecer previamente que não sou funcionário da RTP, nem organizador do concurso. Temos, trabalho em conjunto com amigos, três propostas para séries de programas na televisão que não têm nada a ver com a «Cornélia». Não são concursos. Dos deles são simplesmente folhetins que pretendem ser bastante educativos e populares. Trata-se de histórias que todo o povo português conhece da tradição oral (um é «A Rosa do Adro» e o outro «O Zé do Telhado») que seriam feitos por uma equipa que inclua encenadores de teatro, pessoas habituadas a escrever para o teatro, indivíduos habituados a contactarem com o povo. (Isto é importante porque em Portugal, nas aldeias, há milhares de pessoas que

conheceram pessoalmente, ou pelos pais, o «Zé do Telhado» e torna-se assim possível entrevistá-lo e comparar a verdade histórica que é fundamental neste caso com a tradição oral, repleta de lendas e legendas sobre aquela figura). Posso resumir-lhe a ideia geral do filme se lhe disser que, no Minho, quando os pais querem assustar um menino ameaçam que vão chamar o «João Brandedo» — um bandido da época do «Zé do Telhado» — e nunca ninguém ameaçou uma criança a dizer que ia chamar o «Zé do Telhado».

Julgo que há 95 por cento de hipóteses de estes programas nunca virem a ser feitos pela televisão. Idelas há, até, para programas estritamente humorísticos, sem nada de política. Agora se farão ou não, não sei.

El falando de outras dificuldades para a concretização do plano:

— Nós pretendíamos fazer tudo sem actores profissionais. Penso que estes actores portugueses de teatro estão de uma forma geral muito viciados. É mais fácil dirigir amadores, não tem tantos vícios. Claro que todas estas coisas são dificilmente aceites na televisão. Talvez se também estivesse na RTP, também não me manifestasse muito receptivo a esta ideia emalucada de fazer coisas só com amadores... E nós somos todos amadores.

As aparências SOLUÇÕES

HORIZONTAIS:

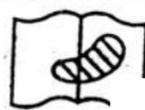
- O pé direito do legionário sentado está noutra posição.
- A orelha direita está noutra posição.
- Desapareceu o cordão preso ao quadro na parede.
- O desenho na jarra é diferente.
- A borla na ponta do tapete é diferente.
- As patilhas do tatuador são mais finas.
- Uma das pontas da faixa da cintura tem as riscas ao contrário.
- Um dos tinteiros tem formato diferente.
- O crescente que se vê pela janela.
- A asa do jarro na cabeça da mulher.
- CAMPINA. RIF.
- AR. CAMA.
- SABINO. AMOS.
- MIRA. MIA.
- O. OR. SI.
- AR. BARRA. AO.
- MAGA. SR. AR.
- ALO. ESPIA.
- NATAIS. AO.
- TIA. ARDERIA.
- OSSA. AEREAS.

VERTICAIS:

- CAS. FAMENTO.
- ARAM. RA. AIS.
- BIO. GATAS.
- PUIR. BALA.
- NANÁ. OIA.
- NÃO. RS. SRA.
- MORRE. DE.
- CAIRA. SOER.
- RAMA. APARE.
- IMO. SARI. IA.
- FASTIO. AMAS.

TINTA REPASSADA

Bleed Through



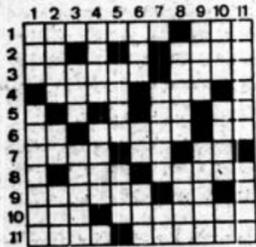
Ria... devagarinho

ENTRE AMIGOS

— Ontem, desmaiei no autocarro, com falta de ar.
 — Eu também desmaiei ontem no autocarro.
 — Com falta de ar?
 — Não! Com a falta da carteira.

NO TRIBUNAL

— O réu é condenado a três mil escudos, por injúrias a um agente da autoridade. Tem alguma coisa a declarar?
 — Tenho sim senhor juiz, mas a esse preço não me atrevo!...



Cruzadismo

HORIZONTAIS:

- 1 Planície. Sistema montanhoso de Marrocos.
- 2 Clima. Leito.
- 3 Antigo dialecto italiano. Patrões.
- 4 Rio de Portugal. Dá mios.
- 5 Artigo definido. Sufixo que designa estado. Nota musical.
- 6 Aparência. Cidade do estado da Baía. Preposição e artigo.
- 7 Petticeira. Senhor. Clima.
- 8 Para barlavento. Espreita.
- 9 Pátrios. Preposição e artigo definido (inv.).
- 10 Irmã da mãe. Incendiária.
- 11 Serra de Portugal. Que são do ar.

VERTICAIS:

- 1 Cabelos brancos. Avido. (fig.).
- 2 Lavram. Batráquilo. Suspiros.
- 3 Elemento grego de composição de palavras que exprime a ideia de vida. Fêmeas dos gatos.
- 4 O mesmo que polir. Dinheiro (prov.).
- 5 Romance de Emílio Zola. Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro.
- 6 Recusa. Reis. Senhora.
- 7 Falece. Preposição.
- 8 Tombará. Costumar.
- 9 Primeiras folhas de árvores e arbustos (Bras.). Prepare.
- 10 Intimo. Xaile das mulheres índias e persas. Seguir.
- 11 Falta de apetite. Estimas.



CATALOGO DO VATICANO

O Vaticano acaba de publicar o primeiro catálogo oficial de todos os selos emitidos desde que se tornou em estado, após o acordo de Latrão com a Itália em 1929.

O catálogo comporta a reprodução, a cores, de todos os selos postais indicando, ainda, a tiragem de cada uma marcando a sua publicação um acontecimento importante para

os filatelistas de todo o Mundo, desde que os selos do Vaticano começaram a ter grande procura.

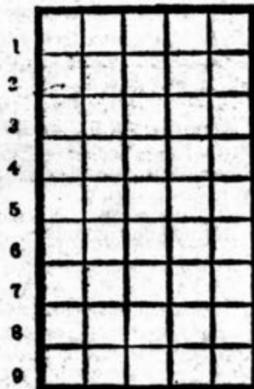
O catálogo teve uma tiragem de 25 mil exemplares e tem diversas edições, nas principais línguas ocidentais.

COMUNIDADE BRITÁNICA

Pela terceira vez em 15 anos, os Correios canadianos emitiram um selo que marcará a abertura da vigésima terceira conferência parlamentar da Commonwealth, que se realizou em Otava, de 19 a 25 de Setembro.

O selo, com o valor facial de 25 c., inspirado numa obra do fotógrafo Malak e desenhado por Stuart Ash, representa a Torre da Paz dos edifícios do Parlamento, encimada pela bandeira canadiana.

PILHA DE PALAVRAS



- 1 Passada.
- 2 Primeiro.
- 3 Instrumento para alisar o cabelo.
- 4 Aliança.
- 5 Casa de penhores.
- 6 Grossoiro.
- 7 Lâmina de metal.
- 8 Engastes de anel.
- 9 Exame.

Depois de resolvido este passatempo, o leitor encontrará na coluna central o nome dado a um monstro que tem duas cabeças fundidas entre si. Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «P».

NOME

MORADA

(Um disco AEG a sortear entre os solucionistas que nos enviarem as respostas até 5.ª feira)

colaboração especial de



23883 av. arriaga 1-3 funchal

QUANTAS BOLAS?



COM QUANTAS BOLAS BRINCA O PATO MICKEY?

Partindo do centro tente encontrar uma das saídas

NOME

MORADA

(Um disco AEG a sortear entre os solucionistas que nos enviarem as respostas até 5.ª-feira)

PREMIADOS NOS CONCURSOS ANTERIORES LABIRINTO

SOLUÇÕES:
 Saída superior (à esquerda) e inferior (à direita).
 PREMIADO:
 José António Ferreira
 Bairro de São Gonçalo, 65

PILHA DE PALAVRAS

SOLUÇÕES:
 1 — Grego; 2 — Gesso; 3 — Gafar; 4 — Greta;
 5 — Genté; 6 — Grossa; 7 — Grito; 8 — Godos;
 9 — Gleba. (ESFENOIDE).

PREMIADO:
 Ana Luisa Santos Andrade
 Ribeira Funda — São Jorge
 (Estes solucionistas poderão levantar os respectivos prémios, a partir de terça-feira, na redacção de DN).

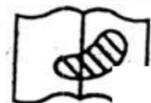


As aparências iludem...

Entre estes dois desenhos existem 10 diferenças. Se não conseguires descobri-las, procura a solução noutra página.

TINTA REPASSADA

Bleed Through



ORIGINAL COM DESFOCAGEM

3
A3
B4
A4
B5
A5
A5
B5
A4
B4
A3



«Adiar a apresentação da moção de censura e, de um ou outro modo, aceitar a proposta de comunicação ou ir sequer para meras negociações exploratórias ou de esclarecimento com o P. S. — o que politicamente é o mesmo, resultado até das declarações prestadas pelo primeiro-ministro ontem chegado de Paris — equivale a recuar e a perder a face, a prolongar a agonia da actual situação, a ficar mais responsabilizados com a política do P. S., F. M. I. em prazo, com o fracasso do regime democrático. Isso, comigo, nunca».

SA CARNEIRO (P.S.D.)

«Os partidos da oposição, particularmente os à direita do PS, têm vindo a fazer ameaças e mesmo ultimatos ao Governo, dizendo, que, se não fizer isto ou aquilo, apresentarão moções de censura. No entanto, a verdade é que essas ameaças nunca se concretizaram, nem a meu ver se poderiam concretizar de uma maneira política, visto que não há condições objectivas para fazer aprovar na Assembleia da República duas moções de censura seguidas contra o Governo. Simplesmente, o Governo não deseja manter-se de qualquer maneira no poder, sempre o disse, e, num momento em que chegou a altura de realizar negociações importantes, quer com o FMI, quer com a CEE, em que é necessário tomar opções decisivas para o futuro de todos os portugueses, especialmente no que diz respeito às orientações para o Orçamento e Plano de 1978, também o Governo pensa que, se não obtiver um certo consenso dos partidos, um apoio popular manifesto, deverá ser ele próprio a suscitar o problema da moção de confiança. Portanto, foi isto que nós comunicámos aos partidos: ou chegaremos a acordo até ao fim de Novembro ou, se não chegarmos, se não houver uma perspectiva concreta de acordo, o Governo não está disposto a continuar a assumir responsabilidades que entende pertencem, fundamentalmente ao País. E porá a questão de confiança. Se os partidos forem lógicos com eles próprios, e recusarem essa confiança, a consequência está inscrita na Constituição, no Artigo 198.º, que estipula a demissão imediata do Governo.

(...) Então é a altura da oposição mostrar, de provar ao País, e que vale, de se ver se é capaz de conseguir, por um lado levar a bom termo as complexas negociações internacionais a que Portugal meteu ombros e, por outro, concitar apoio popular para um Governo, nomeadamente, uma certa cooperação do mundo do trabalho, se é capaz de resolver os problemas que afligem o País.

MÁRIO SOARES (P.S.)

«Parece cada vez mais claro que o Presidente da República se movimenta na cena da pequena política, não sabendo, não podendo ou não querendo elevar-se ao nível do Estado. Esta actuação tem como conseqüência o P.R. aparecer como «Costa Gomes» do P. S. ou de uma clique presidencialista. Não saberá o P. R. o que quer e o que vai fazer? É duvidoso

que saiba, sequer, o que são as outras soluções constitucionais de que fala no final do discurso. Nem ele nem o P.S. são capazes de fazer história, nem sequer de agir a nível de Estado. Essa é a nossa missão fundamental. É necessário ir desde já pensando, falando na revisão da Constituição e eleição do novo P.R.»

SA CARNEIRO (P.S.D.)

«Eu, por exemplo, sempre estive convencido, até ler uma sua declaração que não foi desmentida, que o dr. Sá Carneiro era uma pessoa perfeita, mente integrada dentro do sistema democrático, tal como ele está delineado na Constituição. E, subitamente, verifico que o líder de um partido que ajudou a fazê-la, que votou a seu favor e que até se fez o campeão da sua defesa dizendo que ela era social-democrática, aparece a dizer que essa Constituição, não tem sentido. E, além disso, também não há dúvida que os eleitores do PSD votaram no sr. general Ramalho Eanes e agora o dr. Sá Carneiro põe-se numa posição de crítica ao Presidente da República. Isto não quer dizer que o Presidente deva estar acima de todas as críticas, não é isso que eu pretendo, mas o Presidente, como órgão de soberania, tem de ser respeitado e tem que ser visto como o grande máximo da constitucionalidade e da democracia, da estabilidade das instituições. Portanto, são devidas certas prerrogativas, deve-lhe ser reconhecido um respeito que não me parece compatível com certo tipo de desgaste da sua pessoa, de ataques que a partir daí lhe têm sido feitos, de uma maneira, perfeitamente descabelada e intolerável».

MÁRIO SOARES (P.S.)



Foto de Artindo de Freitas, residente à Travessa das Torres, 13, obtida no Mercado dos Lavradores, com uma ASAHI/PENTAX KM, com lente de 55 mm, 1/60 a F:11, utilizando um flash electrónico Hamimex X130 e película Agfa Isopan 155.

CUPÃO N.º 11
 Legenda: «A EXPRESSÃO MIMICA DE UMA GENTE»
 Publicada na edição de 20/NOV/77

Classificação (de 1 a 30 pontos)

Nome do votante

Morada

Telefone

Concurso mundial de Fotografia

Em colaboração com as Nações Unidas e diversas outras entidades, a Exposição Internacional de Fotografia e Cinema, organizada pela Federação Internacional de Fotografia «Prokollina» organizou um mundial de fotografia sob o lema «Trabalho e Diversão».



Daqui por diante, as crianças poderão aprender as noções elementares da física brincando. Um grupo de estudantes de pedagogia professores de Bremen inventou um brinquedo para tabuleiro, para alunos do quinto ano que serve para transmitir de forma viva e imaginosa as interrelações entre força e potência. O brinquedo se chama «Viagem no País Energeti» e compõe-se de dados e pequenas figuras que têm de executar diversos trabalhos superar uma série de barreiras durante a «viagem». Nisso, há uma série de cartas com perguntas que devem motivar os alunos a refletir sobre a utilização mais económica e prática de energia. Quem responde certo ganha pontos. Esse jogo original já foi experimentado na prática. Uma enquete realizada em seguida revelou que 92% dos alunos adoraram o jogo e que 61% tinham jogado em casa com os seus pais, dos quais a metade declarou ter aprendido coisas novas através do jogo.

PARTICIPAÇÃO
 A participação é facultada a qualquer pessoa sem limites de idade. As fotos colocadas em concurso deverão portar no verso o nome, o endereço, a idade e a profissão do candidato, assim como o título e a categoria da fotografia (A — Trabalho, B — Diversão). As fotografias, podem ser em preto e branco ou coloridas. Podem ser enviadas: 6 fotografias diferentes ou 3 séries de no máximo 6 fotos cada. As fotografias de cada série têm de estar relacionadas entre si. O tamanho das fotografias pode ser de: 18x18cm; 18x24cm; 24x24cm; 24x30cm; 30x30cm. Não serão aceites diapositivos.

PREMIOS E MENÇÕES HONROSAS
 As melhores fotografias serão expostas em Colónia durante a Feira Mundial de Fotografia que será realizada de 15 Setembro a 1 de Outubro de 1978. As fotografias de maior expressividade serão outorgadas medalhas da Organização das Nações Unidas e da Federação Internacional de Fotógrafos Amadores, bem como menções honoríficas da Photokina 1978. A Voz da Alemanha por sua vez publicará alguns dos melhores trabalhos, pagando os devidos honorários a seus autores. Todos os participantes da exposição «Trabalho e Diversão» serão agraciados com certificados das Nações Unidas e da Photokina.



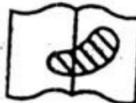
CONDIÇÕES
 As fotografias colocadas em concurso deverão ser de autoria do próprio remetente. Para facilitar a ampliação ou publicação de uma ou outra fotografia no catálogo da Photokina ou nos órgãos de imprensa, o candidato deverá colocar os negativos à disposição dos organizadores. O «copyright» permanece em poder do candidato. As decisões do júri são inapeláveis. As bases do concurso poderão ser fornecidas por escrito a pedido dos interessados.

PRAZO
 As fotografias deverão ser remetidas por via aérea até o dia 31 de Janeiro de 1978 (data do carimbo postal), sempre sob o lema «Trabalho e Diversão».

As remessas deverão ser feitas em envelopes fechados e devidamente franqueados.

ENDEREÇO
 Deutsche Welle
 Presse und Information
 Postfach 100 444 Colonia
 República Federal da Alemanha.

TINTA REPASSADA
 Bleed Through



ORIGINAL COM DESFOCAGEM

A3
B4
A4
B5
A5
A5
B5
A4
B4
A3